



AGRICULTURA FORTALECIDA

Algodão orgânico eleva renda de famílias do Semiárido da PB

Produção aumenta, desde 2016, em 100% ao ano. Nova usina vai absorver a demanda. **Página 7**

PB tem maior índice em regularização de dívidas

Mais de 74% dos inadimplentes resolveram pendências. Média nacional foi menor: 63,6%.

Página 16

Programas da PB viram referência para outros estados

Projetos considerados modelos de sucesso nas áreas de saúde e segurança alimentar chamam atenção.

Página 3

Sobreviventes da Covid-19 têm Páscoa ressignificada

Pequenas cenas do cotidiano ganharam novos sentidos e importância. Confira delicados relatos.

Página 5

Campeonato Carioca será decidido em novo Fla-Flu

Clubes decidem título pela quarta temporada consecutiva, fato inédito. Hoje, às 18h, no Maracanã.

Página 8

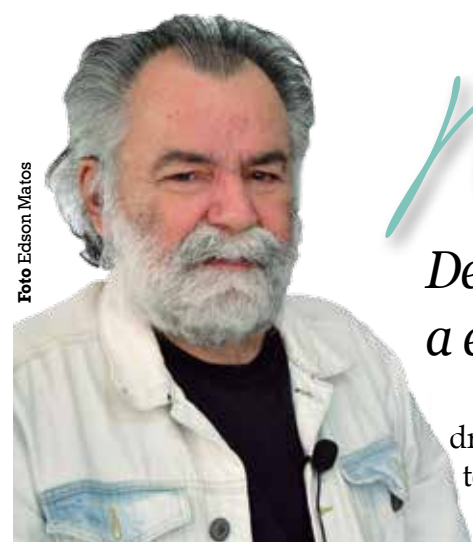


Foto: Edson Matos

Memórias

De tradutor de telegramas a editor-geral e escritor

Jornalista, intelectual e amante do jogo de xadrez, Fernando Melo lembra reportagem sobre tentativa de assassinato no plenário da ALPB.

Páginas 14 e 15



Foto: Evandro Pereira

Vigário-geral da Arquidiocese destaca papel da Igreja no combate à fome



Foto: Evandro Pereira

■ “De reforma em reforma, tornou-se palácio de linhas clássicas sem suntuosidade. Palácio ou museu, o importante é que seja preservado”

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “Ainda jovem, aprendi com Bernard Shaw que a democracia nada mais é que “a eleição de uns poucos corruptos por uma gama imensa de mediocres”.

Hildeberto Barbosa Filho

Página 11

Quem foi? Jornalista libanês registrou bando de Lampião

Benjamin Abraão foi misteriosamente assassinado após a morte de seu “patrono”, o Padre Cícero.

Páginas 18 e 19



Ilustração: Tônio

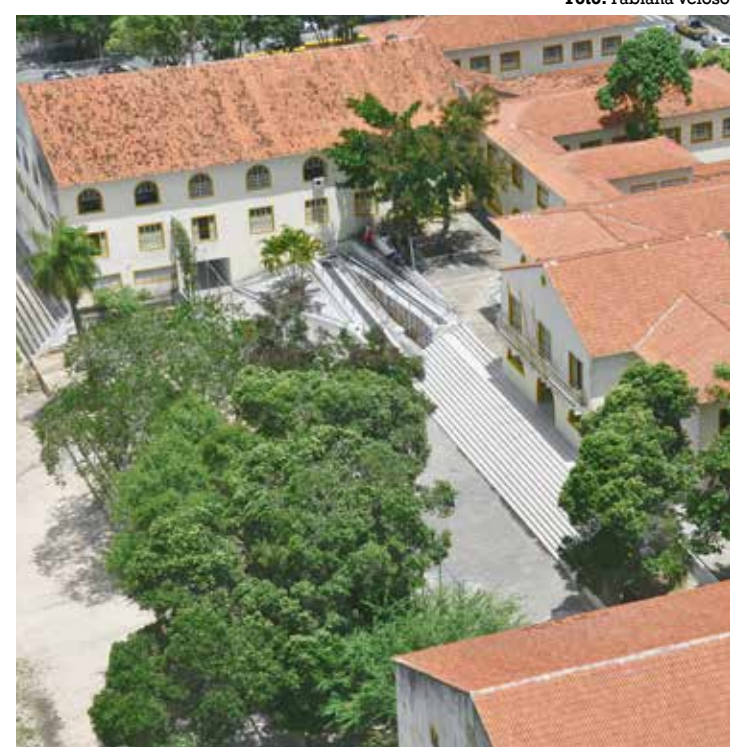


Foto: Fabiana Veloso

“Gigante histórico” completa 70 anos

Pelo Colégio Estadual da Prata, em Campina Grande, passaram estudantes que brilharam em várias áreas.

Página 17

Empréstimos de CG continuam a gerar polêmica

Vereadores autorizaram operações, no valor de quase R\$ 300 milhões, mas Senado terá que aprovar.

Página 13

Editorial

Casas do livro

Elas já foram injustamente consideradas “depósitos de livros”. Hoje, têm um significado condizente com a sua importância enquanto espaço físico ou virtual destinado à guarda de livros e de outros tipos de suporte de informações. A sua missão precípua, no entanto, seria incentivar o hábito da leitura e auxiliar pesquisas e trabalhos escolares. Estamos falando das seculares bibliotecas, cujo dia nacional comemora-se neste domingo.

As bibliotecas têm vários designativos – comunitárias, universitárias, monásticas, de antiguidades etc. -, porém, grosso modo, dividem-se em públicas e particulares. As primeiras, como o próprio nome diz, existem em quase todas as cidades brasileiras e recebem (ou deveriam receber) apoio do poder público. Já as coleções privadas geralmente nascem da paixão de bibliófilos, sejam eles amadores ou profissionais.

No Brasil, a maior e mais importante é a Biblioteca Nacional, localizada na Avenida Rio Branco, 219, Cinelândia, no Rio de Janeiro (RJ). Fundada por Dom João 6º, em 1810, com livros trazidos de Portugal, a Nacional tem um acervo estimado em mais de nove milhões de livros e, de acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), figura entre as dez maiores bibliotecas do mundo.

Na Paraíba, destacam-se, entre outros acervos, a Biblioteca Juarez da Gama Batista, no Espaço Cultural José Lins do Rego, e a Biblioteca Augusto dos Anjos (restaurada no ano passado pelo governador João Azevêdo), na avenida General Osório, em João Pessoa. Outro acervo público da maior importância é a Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em Campina Grande.

É possível afirmar que o público que frequenta bibliotecas é formado, na sua grande maioria, por estudantes universitários e do Ensino Médio. Entre outros fatores, atribui-se o afastamento progressivo de pessoas das bibliotecas à popularização da televisão e, posteriormente, do computador (cuja função os aparelhos de telefonia celular também cumprem, hoje). A *internet* certamente é muito mais visitada do que as casas do livro.

Faz-necessário, portanto, novas políticas públicas de apoio às bibliotecas, a exemplo da Lei nº 12. 244, de 2010, sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que dispõe sobre “a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do país”. Expandir e preservar corretamente os acervos, além de democratizar o acesso da população aos livros, são ações que devem estar na pauta de prioridades

Artigo

A Páscoa

A tradição cristã relembra, durante a Páscoa, a crucificação e morte de Jesus Cristo e celebração de sua ressurreição. É realizada em data móvel, cujos critérios foram determinados pela Igreja Católica Apostólica Romana no século 4 d.C., no Concílio de Niceia, passando a ser comemorada, então, no primeiro domingo após a lua cheia que acontece depois do equinócio de primavera no Hemisfério Norte.

O apóstolo Paulo afirma em sua carta registrada em I Coríntios 15:14 que “Se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé”. Portanto, é a mais importante data do Cristianismo. Há o entendimento de que a morte de Cristo foi um sacrifício voluntário, necessário para salvar a humanidade de seus pecados.

O Domingo de Páscoa simboliza a Ressurreição de Cristo, sinalizando o início de uma nova vida. O Tempo Pascal, é o período que vai desde o domingo da Ressurreição (a começar do Domingo da própria Páscoa) até o Domingo de Pentecostes (sétimo domingo após o Domingo da Páscoa). A comunidade cristã é convocada a celebrar a vida que venceu a morte.

É uma afirmação de fé. O momento em que o sentimento de esperança e luz surge na vida dos fiéis que, uma vez por ano, se sentem renovados para começar uma nova jornada. No Domingo de Páscoa o cristão vê renascer o espírito de alegria festiva. Encarado não como uma simples notícia histórica, mas com a simbologia de que a vida venceu a morte.

Foi o próprio Jesus Cristo que, dirigindo-se a Marta, disse: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem acredita em mim, mesmo que morra, viverá. E todo aquele que vive e acredita em mim, não morrerá para sempre” (Jo 11,25-26). A espiritualidade cristã é alegre como recomenda São Paulo: “Sejam alegres na esperança, pacientes na tribulação e perseverantes na oração” (Rm 12,12). “Fiquem sempre alegres no Senhor! Repito: fiquem alegres! Que a bondade de vocês seja notada por todos” (Fl 4,4-5).

Porém, para muitos a Semana Santa tornou-se um feriadão, desprezando o sentido religioso. É um tempo em que muita gente aproveita para viajar, quebrar a monotonia da vida, inteiramente desvinculada dos mistérios da vida de Cristo e da própria vida. Uma festa de

consumo. O verdadeiro cristão, no entanto, está comprometido com a fidelidade à sua celebração no sentido original. É um novo começo para o povo de Deus. Cada um escolhendo a maneira como deseja passar o período, alguns se abstendo de algumas coisas, jejuando por exemplo, ou praticando atos diferentes do que fazem costumeiramente.

A mídia faz com que associemos os coelhos e os ovos de Páscoa à celebração do Domingo da Ressurreição. São costumes pagãos antigos que não têm nada a ver com a sua concepção religiosa, ligados a ritos de fertilidade da primavera, como os símbolos do coelho e do ovo de Páscoa. Os coelhos eram os animais mais férteis que nossos antepassados conheciam. Antes era uma festa pagã, em que se festejava a deusa Ostera, ou Es-ther. Em inglês o nome é Easter, que quer dizer Páscoa. Ela era a deusa da Primavera e em sua imagem carregava um ovo e um coelho pulando nos seus pés. Esses rituais e símbolos relacionados à fertilidade foram admitidos pela festa cristã. Para os judeus a Páscoa lembra a libertação do povo de Israel do Egito, conforme contada na Bíblia no livro de Êxodo. O evento histórico transformou-se num evento de fé.

A morte e ressurreição de Jesus instituíram a Nova Páscoa, libertação total do mal, do pecado e da morte, numa aliança de amor de Deus com a humanidade. No Novo Testamento, Cristo é o Cordeiro de Deus sacrificado por nossa salvação.

“

Foi o próprio Jesus Cristo que, dirigindo-se a Marta, disse: “Eu sou a ressurreição e a vida”

Rui Leitão

Foto Legenda



Barragens cheias, diversão certa

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Sobre museus e palácios

Ocorreu a Chico Pereira lembrar-se de mim e, com o romancista Tarcísio Pereira, fazer-nos entrar no Palácio da Redenção, espantando os morcegos, e revermos a sede mais ambicionada de todos os poderes locais, agora reaberta para se converter no futuro museu do Estado. Chico participou com Dyógenes Chaves do projeto de montagem do Museu da Cidade, versão em que veio transverter-se a ideia inicial de se fazer da casa onde morou o presidente João Pessoa ao museu paraibano de 1930, um acontecimento que mudou o Brasil a partir da Paraíba.

Mas como a guerra de 30 ainda conserva resíduos nativos inapagáveis, não houve descendente de liberais ou perrepiistas com assento na cadeira do mais celebrado paraibano de todas as ruas e praças do imenso país que encarasse a ideia. No de Cássio fincaram uma placa na largura do prédio anunciando obra e custo, remexeram nas telhas e aí parou. A placa arriou, outros governos vieram, e só agora, com nosso João Azevêdo, abrem-se as portas do belo palacete da Praça da Independência na versão de Museu da Cidade.

Ainda bem. A Paraíba precisava já muito antes de 1930, embora a sede se adequasse melhor, creio eu, ao primitivo prédio do Tesouro, antiga Assembleia, até pouco tempo sede de comando da PM que o governo está restaurando fixado na ideia de torná-lo palácio dos despachos. Ganha com isto, sem nenhuma dúvida, o conjunto de praças mais protegidas de verde que rodeiam o velho edifício onde Castro Pinto tomou posse. Entre os bustos de Pedro Américo e Aristides Lobo, sob a mais densa cobertura de oitizeiros, a mais representativa das árvores urbanas de todo o Brasil-Nordeste.

Quanto ao palácio, morada governamental por 200 anos, suportando firme miríades de atos, proclamações, posses solenes e também tristes decessos - custará exonerá-lo do pros- cênio em que foi perpetuado aos olhos, à fé ou às esperanças dos que ainda sobram na terra. Ou até mesmo dos que subiram ao céu ou desceram ao inferno, ocultos na vida mas presentes na memória histórica.

De reforma em reforma tornou-se palácio de linhas clássicas sem se esbanjar em suntuo-

“

Palácio ou museu, o importante é que seja preservado

Gonzaga Rodrigues

sidade. Num álbum da Paraíba que o governador Tarcísio Burity se advertiu de encomendar a Bloch Editores, o palácio com seus interiores, seu salão nobre dominado pelo painel do herói Peregrino de Carvalho, pela presença forte dos retratos de André Vidal, o herói paraibano da fundação da nacionalidade a medir forças com Roosevelt, o líder da paz conquistada pelos Aliados, só perde em encantamento para o conjunto barroco do convento e igreja de São Francisco.

Palácio ou museu, o importante é que seja preservado. A parte mais nobre, o andar de cima, já vem sendo museu desde que a sucessão de reformadores pouco alterou em sua composição ornamental. A grande sala de reuniões ou dos grandes banquetes não há de ser mexida numa só cadeira. A sala de jantar, lá atrás, com vista ampla para o poente, com seus móveis e aquela mirada para o painel de azulejos de toda uma parede do vão interno - dizem que em homenagem aos navegantes portugueses - tudo já se acha no lugar de sempre, seja no palácio de Camilo de Holanda, de João Pessoa, de José Américo ou do meu conterrâneo Pedro Moreno Gondim, que, lá de cima, cedo da manhã, mandou-me um caboclo novo do seu Brejo, subir a escada entapetada e se enfiar até a mesa do café com direito a sentar, escolher o queijo, o bolo e, assim amatutado, ser servido, delicadamente, pelas brancas mãos de uma das mulheres mais lindas da galeria de primeiras-damas.

E Zé Octávio, anos depois, ainda vem censurar por meu apego a governo. Nem a todos, Zé.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Gisa Velga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

GOVERNO DA PARAÍBA

Projetos chamam atenção de vários estados do país

Programas exitosos têm provocado o interesse de gestores de PE, GO, SE, MT e ES

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Projetos exitosos do Governo da Paraíba têm provocado o interesse de gestores de outros estados, a exemplo de Pernambuco, Goiás, Sergipe, Mato Grosso e Espírito Santo. Algumas dessas iniciativas são pioneiras e chamam a atenção até do Ministério da Saúde. Nos últimos anos, gestores ou representantes de outros estados realizaram visitas à Paraíba para saber como os programas funcionam e, assim, tentar implantar essas práticas nos estados em que atuam. Nesse contexto, uma das secretarias que se destaca é a da Saúde.

Pelo menos três projetos da pasta são tidos como modelos de sucesso: Opera Paraíba, Coração Paraibano e o Ambulatório para Travestis e Transexuais da Paraíba. Lançado no dia 10 de março, o Coração Paraibano é o mais recente exemplo de êxito na área da saúde e já atraiu a curiosidade de estados como Sergipe e Goiás. Trata-se de um programa voltado à assistência cardiológica de urgência, adotando recursos tecnológicos como a telemedicina. “Ele é um programa inédito que integra a telemedicina com assistência intervencionista, adotando a hemodinâmica. Já atraiu o interesse do Mi-



Foto: Secom-PB

Lançado em 2019, o Projeto Opera Paraíba é modelo de sucesso na área da saúde em todo o estado

nistério da Saúde, porque a assistência cardiológica integrada é uma das linhas da atual gestão do Ministério. A Paraíba está sendo um estado cobiçado porque tem uma política de saúde parecida com o que prega esse órgão federal”, destacou o secretário de Saúde da Paraíba, Jhony Bezerra. Segundo ele, estados como Sergipe e Goiás já demonstraram interesse em implantar prática semelhantes ao Coração Paraibano em seus territórios.

No Estado, o projeto conta com serviços especializados do Hospital Metropolitano, em Santa Rita, o Hospital de Trauma de Campina Grande,

e o Hospital Janduhy Carneiro, em Patos, além de 15 outras unidades de saúde da rede e as ambulâncias próprias do Coração Paraibano. Com isso, o serviço integrado consegue agilizar o atendimento ao paciente infartado, reduzindo o risco de sequelas graves e até morte. “A rede do Coração Paraibano visa, exatamente, otimizar o atendimento dos infartos do coração, principal causa de morte dos últimos tempos”, acrescentou Bezerra.

O paciente com sintomas de infarto que procurar uma unidade de saúde, seja de pronto atendimento ou não,

terá assistência do programa. Caso seja atendido em uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA), ao se detectar os sintomas de infarto, o profissional que o atendeu entra em contato com a rede do Coração Paraibano, cujo cardiologista vai dar as primeiras orientações por meio do sistema de telemedicina, enquanto o paciente é encaminhado para os procedimentos necessários na unidade de saúde adequada. Dependendo da necessidade, o cardiologista acionado via serviço de telemedicina fará o acompanhamento desse paciente até os procedimentos finais.

Opera Paraíba realizou mais de 38 mil cirurgias

Outro modelo de destaque na Saúde estadual é o programa Opera Paraíba. Lançado em 2019 com a proposta de zerar a espera por uma cirurgia eletiva, o programa já ultrapassou as 38 mil cirurgias, avançando cerca de dois mil procedimentos por mês. “A nossa perspectiva é realizar 25 mil cirurgias este ano. Ao longo desses quatro anos do governador João Azevêdo, pretendemos chegar a 100 mil procedimentos”, declarou Jhony Bezerra.

O Opera Paraíba vem expandindo sua atuação entre os municípios, bem como a especialidade de cirurgias ofertadas. Já existe, por exemplo, o Opera Paraíba Pediátrico e o Opera Paraíba Mulher. Dentre as especialidades recentemente incluídas

nessa iniciativa estão cirurgias ortopédicas de alta complexidade e as urológicas, ofertando serviço como quebra de cálculo renal, que não existe na rede SUS.

Gestores de estados como Sergipe, Pernambuco, Espírito Santo e Mato Grosso do Sul já demonstraram interesse por esse modelo de assistência. “Sergipe já está, inclusive, implantando o Opera Sergipe, com base no Opera Paraíba”, enfocou o secretário Jhony.

Mesmo com o advento da pandemia de Covid-19, o secretário destacou que a Paraíba conseguiu reduzir a fila de espera para cirurgias eletivas. “Isso foi destaque porque, nos demais estados, houve aumento dessa fila”, completou. Ele lembrou que a diminuição na

espera por uma cirurgia eletiva ocorreu mesmo diante de obstáculos como a defasagem da tabela de financiamento do Sistema Único de Saúde (SUS). Um dos diferenciais do estado, que permite o bom andamento do Opera Paraíba, é a vasta rede de hospitais públicos. “A Paraíba tem 34 hospitais, por isso é possível fazer a regulação de cirurgias na rede própria, sem precisar contratar a rede privada”, declarou.

O Opera Paraíba também dá atenção à população LGBTQIA+, oferecendo cirurgias comuns a esse público como a mastectomia e a histerectomia masculinizadora. Outro projeto voltado a essa população é o Ambulatório de Saúde Integral para Travestis e Transexuais Fernanda

Benvenutty, que está servindo de inspiração e modelo para a implantação do primeiro Ambulatório TT do estado do Mato Grosso.

No mês passado, o Complexo Hospitalar Clementino Fraga recebeu, acompanhou e capacitou, durante uma semana, a equipe técnica do Serviço de Assistência Especializada da cidade de Cáceres (MT).

“O Ambulatório oferece uma série de serviços. Além de detectar a demanda de cirurgias para esses pacientes e fazer o encaminhamento para a realização do procedimento na rede pública, ainda oferece serviços com psicólogos, endocrinologistas, ginecologistas, enfim, vários especialistas da rede”, disse o secretário de Saúde da Paraíba.

Foco na segurança alimentar do paraibano

Os projetos do Governo do Estado voltados à segurança alimentar – Tá na Mesa, Restaurante Popular e Prato Cheio, são outros exemplos de ações bem-sucedidas na Paraíba. Criados para minimizar a fome de pessoas de baixa renda ou que vivem em situação de rua e vulnerabilidade econômica, oferece alimento de qualidade, gratuitamente, ou ao valor de R\$ 1,00. Segundo dados da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Humano da Paraíba (Sedh), os três programas somam mais de 1,3 milhões de refeições ofertadas à população todo mês.

A experiência dos programas deve servir de modelo para o Espírito Santo. No mês de março, a secretária do Trabalho, Assistência e Desenvolvimento Social capixaba, Cynthia Grillo, esteve na Paraíba e marcou o intercâmbio de conhecimentos focados nas políticas de segurança alimentar entre os dois estados.

Segundo a secretária de Estado do Desenvolvimento Humano da Paraíba, Pollyanna Dutra, o compromisso do Governo do Estado é entender que o cuidado com as pessoas é a principal política pública da

gestão. “O combate à fome, à miséria e à exclusão social são eixos prioritários no governo de João Azevêdo”, salientou. Pollyanna Dutra frisou que os três programas chamam a atenção de outros estados pelo nível com que o governador tem tratado as políticas públicas, “sempre com responsabilidade, compromisso e interesse pela pauta social.”

A secretária acrescentou também que a articulação política do chefe do Executivo estadual em Brasília, bem como a liderança que assumiu no Consórcio Nordeste, possibilitam

um maior compartilhamento de experiências com outros gestores e com o Governo Federal. “João Azevêdo está levando a Paraíba a um patamar que está chamando a atenção, não só da região Nordeste, mas de todo o Brasil.”

Uma das metas para ser atingida até o final da gestão do governador, segundo Pollyanna Dutra, é fazer com que todos os 223 municípios da Paraíba possam contar com programas de segurança alimentar. Dados da Sedh apontam que, apenas o Tá na Mesa, já chegou a 147 municípios paraibanos.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

CONGRESSO DÁ PASSO IMPORTANTE NA LUTA CONTRA O RACISMO COM A INSTALAÇÃO DE COMISSÃO MISTA

Na próxima terça-feira, na sala 2 da ala Nilo Coelho, o Senado dará um grande passo na luta contra o racismo, quando ocorrerá a instalação da Frente Parlamentar Mista Antirracismo (FPMA), que terá como coordenador o senador cujo mandato tem priorizado o debate sobre o tema, Paulo Paim (PT-RS) – como o próprio nome já antecipa, trata-se de um colegiado a ser formado por senadores e deputados. Já não era sem tempo que o Congresso tomasse uma iniciativa desse porte, uma vez que os casos de racismo no país têm recrudescido nos últimos anos. Paim, em entrevista à Agência Senado, destacou que o foco do colegiado é deflagrar o debate a respeito dos direitos e das garantias fundamentais da população que sofre preconceito e discriminação em função de sua etnia ou cor. “Queremos o bem de todos, sem preconceitos e quaisquer formas de discriminação, como reza a nossa Carta Maior. A Frente nos guiará e norteará os caminhos para continuarmos lutando por uma sociedade mais justa, solidária e humana”, disse.

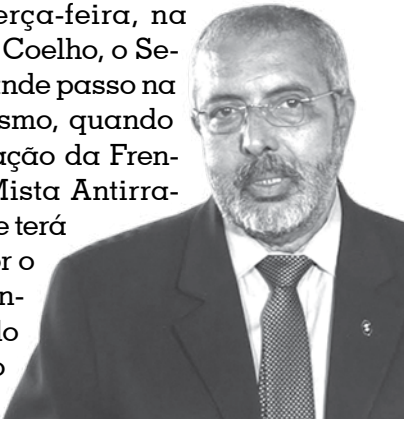


Foto: Senado Federal

FOCO NAS POLÍTICAS DE IGUALDADE

Uma das frentes em que a Frente Parlamentar Mista Antirracismo vai atuar, aponta a Agência Senado, diz respeito “à promoção de debates e iniciativas a respeito de políticas públicas e outras medidas que busquem efetivar a igualdade racial prevista na Constituição, contando com a participação dos mais diversos segmentos da sociedade”.

PENAS MAIS SEVERAS

Projeto de Veneziano Vital do Rêgo (MDB), que tramita no Senado, estabelece, no Código Penal, penas maiores para casos de homicídio qualificado, lesão corporal e ameaça contra profissionais de imprensa. A proposta estabelece também que o crime de homicídio não prescreve e é inafiançável. E o condenado por esse tipo de crime não pode ter o benefício do indulto.

ENTRE CRÍTICAS E ELOGIOS

Nos próximos dias, Ciro Gomes (PDT) deverá fazer declaração pública sobre os 100 primeiros dias do Lula III – há cinco dias, ele retornou de Boston (EUA), onde estava estudando com o seu mentor, o professor de Havard, Mangabeira Unger. Quarto colocado na disputa pela Presidência da República, no ano passado, Ciro tem se dividido entre críticas e elogios à postura política de Lula.

REVISÃO DE PLANO DIRETOR

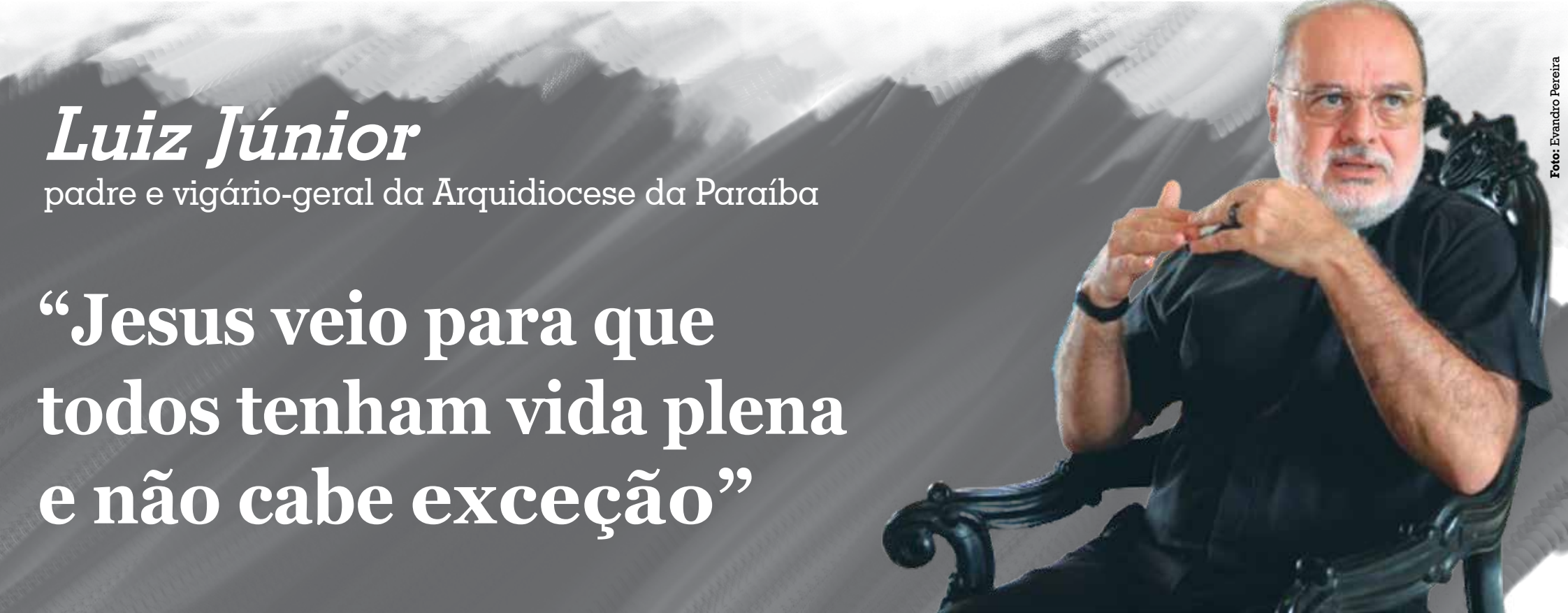
Em Cabedelo, amanhã, a prefeitura deflagra a primeira iniciativa para realizar a revisão do Plano Diretor Municipal, no auditório do IFPB – Campus Cabedelo, em Camboinha, a partir das 18h. O Plano Diretor é uma lei municipal que versa sobre o desenvolvimento do município e estabelece diretrizes em várias frentes, entre as quais moradia, ocupação do solo, infraestrutura, educação, saúde, meio ambiente e desenvolvimento econômico.

FRENTE CONTRA O ABORTO

Criada no mês passado, a Frente Parlamentar Mista Contra o Aborto do Congresso é integrada por três paraibanos: Mersinho Lucena (PP), Cabo Gilberto (PL) e Wilson Santiago (Republicanos). A meta do colegiado é barrar propostas que prevejam a ampliação legal para o aborto. A lei atual só permite a prática em três situações: anencefalia (cérebro não constituído), gravidez causada por estupro e casos que tragam risco à vida da mulher.

LULA E JINPING: DEFESA DE SAÍDA NEGOCIADA PARA GUERRA DA UCRÂNIA

O presidente Lula tem se manifestado contra a guerra da Ucrânia, em que pese o Brasil não ter assinado a declaração da Cúpula da Democracia, que condena a Rússia e pede sua retirada “incondicional” do território ucraniano. O presidente quer aproveitar a viagem à China, dia 14, para fazer um movimento político pelo fim do conflito: “Estou convencido que tanto a Ucrânia quanto a Rússia estão esperando que alguém de fora fale: vamos sentar para conversar”. Lula e o presidente Xi Jinping irão emitir declaração conjunta pela saída negociada.



Luiz Júnior

padre e vigário-geral da Arquidiocese da Paraíba

“Jesus veio para que todos tenham vida plena e não cabe exceção”

O vigário-geral da Arquidiocese destacou que Jesus sempre foi acolhedor e nunca estabeleceu exceção para seu amor

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

A Páscoa celebra a vitória de Cristo sobre a morte e, hoje, domingo de Páscoa, o vigário-geral da Arquidiocese da Paraíba, padre Luiz Júnior, em entrevista ao Jornal **A União**, aborda o sentido da data, a importância de uma aproximação maior com Deus nesse período, comenta a importância da realização dos espetáculos da Paixão de Cristo em João Pessoa, no Centro Histórico, que traz uma Maria negra, e nos bairros, valorizando a cultura local.

O religioso ressalta a importância do respeito à diversidade racial, à orientação sexual, à religião, e lamenta a violência contra o ser humano noticiada diariamente. Outro tema da conversa foi a fome, tema da Campanha da Fraternidade 2023. O padre lembra que é um flagelo real que precisa ser eliminado, destacando o papel da Igreja neste sentido com ações permanentes em comunidades vulneráveis e com pessoas em situação de rua.

O vigário discorre sobre temas polêmicos como aborto, crimes sexuais na Igreja, dependência tecnológica de crianças e adolescentes e ressalta a importância de uma rede de apoio para evitar tragédias. Na política, diz que, para a Igreja, o que importa são as ações em prol do coletivo. Há cinco anos como vigário-geral, ele não sabe até quando segue na missão, mas ressalta que tem feito o seu melhor ao lado de Dom Delson, arcebispo da Paraíba.

Entrevista

■ *Qual a mensagem da Igreja Católica para os fiéis nesta Páscoa?*

A Páscoa é a celebração da vitória de Cristo sobre a morte, a ressurreição, que é vida nova. Nós celebramos a Paixão, a morte, as injustiças que Jesus atravessou até a sua condenação de morte na cruz, mas depois, a última palavra é da vida. A grande mensagem da Páscoa é a mensagem de que a vida, o bem, a justiça prevalecem. Não devemos ficar somente na cruz, apesar de que é necessário passar por ela, mas a última palavra é a vitória da vida que nós celebramos na noite da Páscoa quando contemplamos a ressurreição de Jesus. A morte, a dor, o sofrimento não é o fim. Vemos, na Páscoa, a vitória do bem sobre o mal, da justiça sobre a injustiça, da vida sobre a morte. A Igreja, na sua liturgia, nos ofereceu 40 dias de preparação para a Páscoa do Senhor. É o chamado tempo da Quaresma. É um caminhar espiritual para refletirmos.

■ *Este ano, A Paixão de Cristo será realizada pela Prefeitura, no adro da Igreja de São Francisco. Qual a importância da encenação? E do edital para encenações nos bairros?*

As pessoas querem se aproximar do sofrimento de Jesus, e a arte, a música, o teatro nos ajudam a contemplar esse mistério. É uma iniciativa muito bonita, gratuita, através das iniciativas públicas. Isso é muito bom porque faz as pessoas, através das suas expressões artísticas, musicais, do teatro, das expressões populares, unirem-se ao sofrimento do próprio Cristo. Elas se emocionam, choram, vivenciam aquilo e é, exatamente a arte, na sua sensibilidade, nos ajudando a rezar melhor. É uma iniciativa louvável. Nós, da Arquidiocese, agradecemos à Prefeitura pela parceria com o Centro Cultu-

ral São Francisco. Parabenizamos também por esta iniciativa nos bairros porque dá a oportunidade de trazer aos olhos o que, muitas vezes, nos passa despercebido, ou aquilo que não é alcançado pela maioria da população.

■ *Cada vez mais tem se falado sobre o respeito à diversidade. Pessoas negras e LGBTQIAPN+ sofrem com o preconceito e a discriminação. De que forma a Igreja tem atuado para combater a intolerância dentro da Igreja?*

Jesus, entre tantas falas, tinha uma de acolhimento. “Eu vim para que todos tenham vida e todos tenham vida plena”. E a esse “todos”, não cabe exceção. A Igreja tem que ser acolhedora porque o próprio Cristo foi acolhedor. Ninguém se aproximou de Jesus, independentemente da sua condição, para sair dele ou sair de perto dele sem uma palavra de conforto, afeto, força, sem um perdão ou um abraço. Infelizmente, em todos os lugares da sociedade, existem pessoas intolerantes. O papa Francisco insiste para que sejamos uma igreja de portas abertas, que não pode construir muros, mas pontes. As pontes ligam, unem. Os muros distanciam. Devemos ser a igreja que constrói pontes, agrega, abraça e perdoa porque Jesus viveu assim, e nós somos continuadores de sua obra. Aos olhos de Deus todos somos iguais. Jesus veio para que todos tenham vida plena e a esse todos não cabe exceção.

■ *Seguidores do candomblé, espiritismo, budismo são discriminados. Como a Igreja ensina seus fiéis a respeitar as pessoas que possuem outras crenças religiosas?*

É a questão de ver no outro o irmão que deve ser amado. A Igreja, desde o Concílio Vaticano 2º, tem tido expressões muito bonitas de

diálogo inter-religioso, ecumênico. O ecumênico é feito entre as igrejas cristãs, e o inter-religioso é feito entre a Igreja Católica e igrejas não cristãs como o budismo, as expressões de matriz africana. O papa Francisco é um sinal da unidade da Igreja. No seu pontificado, foi a países muçulmanos, não cristãos, não católicos, visitou budistas com o amor que devemos ter a todos. Em todas as expressões de fé existem as sementes. É claro que o respeito ao outro não significa negar aquilo que temos de próprio da nossa religião, não é uma negação do que cremos como sendo a nossa verdade de fé, mas compreender que Deus age em todos os povos, raças e religiões.

■ *O mês de março é dedicado à mulher e, apesar das celebrações em torno do Dia Internacional, há muitas reivindicações. Mesmo passada a data, qual a sua mensagem para as mulheres?*

O mês de março é emblemático, mas todo dia é dia da mulher. É ela quem age na vida da sociedade todos os dias, é mãe, trabalhadora, esposa, lutadora, empreendedora. A mulher está presente em todos os lugares da sociedade e na igreja também. As nossas maiores lideranças na Igreja são as mulheres fortes que, nas nossas comunidades, levam adiante as pastorais, os movimentos catequistas, as leitoras. A igreja tem uma figura feminina que nos inspira muito, Maria, mãe, mulher de fé. Que as mulheres, de fato, ocupem o espaço merecido, sejam respeitadas, que o seu trabalho seja valorizado porque, infelizmente, em muitos lugares, ainda não é. Todos nós temos uma mulher na nossa vida, a mãe, irmã, uma figura feminina que marca a nossa formação, nossa vida de fé. A mensagem é que Deus abençoe a todas, que elas sejam valorizadas na sua dignidade, naquilo que são, porque são imagem e semelhança de Deus.

■ *Falamos sobre a mulher e também sobre a Paixão de Cristo, que será encenada no Centro de João Pessoa. Este ano, a Maria será interpretada por uma atriz negra. Como o senhor avalia esse diferencial no espetáculo?*

Isso é muito bonito. É a expressão de todas as raças naquilo que a cultura tem para nos apresentar, até porque a figura de um Cristo e uma Maria com feições europeias não corresponde bem ao povo semita, da raça de Jesus. Aquelas pessoas não são como as imagens nos mostram. Isso vai tirando também o preconceito, a ideia de que a raça tem alguma influência na expressão dos que foram os personagens da Bíblia. Então, universaliza. Qualquer pessoa, todas as mulheres do mundo, de todas as raças, devem se sentir contempladas na figura de Maria, e todos os homens, na figura de Jesus. Vai derrubando barreiras e nos aproximando dos que foram os personagens da história, Jesus, Maria e os que viveram os dramas da Paixão.

■ *O aborto legal é um tema que se tornou bandeira de luta das mulheres em vários países do mundo, inclusive, no Brasil e com ecos na Paraíba. Como o senhor avalia essa reivindicação e qual a orientação da Igreja Católica a respeito?*

A Igreja, com relação à valorização da vida, tem essa mensagem: a vida deve ser defendida desde a concepção, passando pelo cuidar das crianças, idosos, pessoas vulneráveis até a morte natural. Mas, não somente nesse aspecto. A vida deve ser cuidada durante toda essa passagem. Não viemos ao mundo só para nascer e morrer. Viemos para nascer, viver e morrer com dignidade. Ela é intransigente no que diz respeito à valorização da vida porque a vida é dom de Deus. Esta é a nossa posição porque essa é a mensagem do Evangelho. Jesus veio para que todos tenham vida e a esse “todos” não cabe exceção, nem o feto, nem o idoso, nem o presidiário, ninguém. A vida deve ser preservada porque é o dom de Deus para todas as pessoas.

■ *Crianças e adolescentes têm tido cada vez mais contato com temas que, tempos atrás, estavam ao alcance apenas dos adultos. O mundo virtual abriu portas para que elas tenham acesso a informações construtivas e outras ruins, que as colocam em risco. Como o senhor analisa essa situação?*

É um problema que deve nos levar a sentar, não só a Igreja, mas as escolas, a família. Há famílias que não sabem o que fazer porque os filhos não interagem mais. São os chamados filhos do quarto, que se trancam, não brincam, não são criativos, passam o dia diante de uma tela e, aquela janela, sabe Deus para onde está se abrindo. Certamente tem muitas coisas boas. Vimos, durante a pandemia, o quanto foi importante poder estudar, trabalhar, estar próximos dos distantes através das redes sociais, mas é uma janela que nos abre para outras coisas que não nos fazem crescer como seres humanos. A sociedade precisa avaliar com seriedade, educadores, pais, os próprios jovens para ver os limites que podem ser dados para este uso. Se não a proibição, ao menos encontramos caminhos para que isso não desenvolva patologias. Daqui a alguns anos, será mais difícil e isso deve ser analisado com profundidade e coragem para evitar tragédias familiares e humanas como suicídio, solidão, fuga de casa. O caminho é o diálogo.

■ *O senhor comentou sobre a fome, problema que se tornou uma triste realidade no Brasil e na Paraíba. Além da Campanha da Fraternidade, como a Igreja Católica tem contribuído para minimizar o sofrimento das pessoas que não têm o que comer?*

A Ação Social Arquidiocesana (ASA) distribui centenas de quinzenas diariamente a moradores de rua pela manhã, à tarde, à noite, dando de comer a quem tem fome. As paróquias, a cada mês, distribuem cestas básicas; a Pasto-

ral da Criança que acompanha as gestantes nas áreas de vulnerabilidade, desde os primeiros meses de vida da criança e foi responsável pela erradicação da mortalidade infantil por desnutrição. A Pastoral Carcerária acompanha os presos; a do Menor, dependentes químicos. A Igreja tem uma ação social abrangente e chegamos em lugares que o poder público não alcança. A Campanha da Fraternidade é a expressão de uma preocupação de sempre da Igreja. Domingo passado, houve uma grande coleta nacional nas igrejas que foi direcionada para o combate à fome.

■ *Processos na Justiça incluíram alguns religiosos da Igreja Católica na Paraíba que se envolveram em crimes de cunho sexual, entre elas, o ex-arcebispo Dom Aldo Pagotto, já falecido. Como o senhor avalia essas situações e o que a Igreja tem feito para evitar que esse tipo de coisa aconteça?*

Com relação a processo, foi judicialmente resolvido. Os padres foram absolvidos, inocentados e voltaram ao exercício do ministério. A Igreja tomou suas providências, mas foi feito todo um procedimento judicial. É uma situação que está superada, mas a Igreja não é conivente com escândalo de qualquer ordem. No entanto, todas as instituições têm membros que, infelizmente, pela fraqueza humana, não são coerentes com aquilo que a sua instituição preconiza. A Igreja não é um agente estranho à sociedade e não é conivente com escândalo, seja sexual, econômico. Ela prega o evangelho e seus valores. Então, aquilo que não corresponde a isso, não tem o apoio, nem a guarida da Igreja. Era um processo que tinha vários nomes, inclusive, do arcebispo Dom Aldo, mas todos foram isentados de culpa e o processo foi arquivado.

■ *O senhor foi nomeado vigário-geral há quanto tempo e qual balanço faz desse período na Arquidiocese da Paraíba?*

A minha contribuição é o serviço que presto à Igreja há cinco anos. Em janeiro de 2023, fez cinco anos que Dom Delson, juntamente com o clero, me concedeu essa missão de servir à Igreja como vigário-geral que, na hierarquia, é o que está mais próximo do bispo, aquele que ajuda o bispo na administração da igreja. Isso não tira de mim a responsabilidade, mas quem avalia é Deus. Eu tenho feito o melhor, o que não quer dizer que é muito bom, mas é o meu limite. Nem sempre o meu limite é aquilo que as pessoas veem como sendo o máximo, mas é o que eu posso dar. E faço com muita alegria. Trabalhar próximo a Dom Delson é uma escola, um ensinamento. A sua sabedoria, serenidade e amor à igreja, a vida de oração nos inspiram muito, não só a mim, mas a todo o clero da Paraíba. É um dom de Deus, uma missão que me foi confiada. Tenho feito e não sei mais por quanto tempo, até enquanto o bispo assim desejar.

APRENDIZADOS

Há beleza no renascimento diário

Pandemia da Covid-19 representou um processo de amor ao próximo, uma essência do período pascoal

Taty Valéria
tatyana.valeria@gmail.com

Para os cristãos, a Páscoa simboliza renascimento e renovação. Para a tradição judaica, representa libertação. Seja a ressurreição de Cristo ou a libertação do povo hebreu escravizado, o fato é que a Páscoa traz uma mensagem de esperança e fé, e que ganha uma nova camada de significados em 2023, quando o recuo da Covid-19, proporcionada pela vacinação em massa da população, garantiu que a vida dos brasileiros pudesse voltar à normalidade.

Os dois primeiros anos de pandemia foram especialmente dramáticos e atingiu a população de diferentes formas. “Depois daquilo tudo me sinto renascida. Aprendi a fazer artesanato, a apreciar muito mais a minha companhia. Comecei a brincar mais com meus cachorros, a agradecer os pequenos milagres da vida como um bebedouro de beija-flor que instalei no meu jardim”. A farmacêutica Bibiana Rosa, de 38 anos, fez parte do contingente que precisou lidar com a solidão compulsória.

Formada há poucos anos, com um emprego numa rede grande de farmácias, em uma cidade que escolheu morar por ser mais tranquila, ela estava feliz com a nova vida que estava prestes a se iniciar. “Eu estava animada com a cidade, muitos atrativos para quem gosta de curtir, a orla e as praias, lugares históricos... eu estava adorando viver em João Pessoa”.

Já Hellen Peres, 40 anos, tinha um outro perfil. Divorciada e mãe de duas filhas, a atendente deixava o emprego para trabalhar com uma de suas paixões: o artesanato. “Eu comecei a fazer tiaras e laços de cabelo e estava me sentindo realizada por conseguir trabalhar de casa, cuidar e ficar mais perto das minhas filhas”, falou. A vida de Hellen mudou radicalmente a partir daquele mês de março de 2020, e ao contrário de Bibiana, que precisou se adaptar à solidão, Hellen dividia o apartamento com seus pais idosos e com suas duas filhas. Mas a chegada da Covid-19 em sua casa mudou toda a dinâmica familiar.

“Minha filha mais velha adoeceu, depois eu, e minha caçula apresentou alguns sintomas leves. Meus pais testa-

ram negativo e foram morar com meu irmão”. Enquanto a filha mais velha apresentava uma melhora progressiva, Hellen foi agravando seu quadro até precisar ser internada com alto grau de comprometimento dos pulmões.

Longe do cuidado e do carinho de sua família e sem condições de contratar uma cuidadora, ela aprendeu a desenvolver a coragem, o desapego e a humildade. “Eu usava fraldas e às vezes só tinham enfermeiros para me trocar e me limpar. Eu tive que engolir meu orgulho e minha vergonha. Aprendi naqueles dias a dar valor ao que é importante e que a gente vive um dia de cada vez”, disse.

Bibiana fez parte do grupo de trabalhadores essenciais e teve que lidar com o medo e uma sensação extra de responsabilidade. “No início, que ninguém sabia de nada, tínhamos muito medo de



Foto: Arquivo Pessoal

Após renascer, Hellen observa o mundo com outros olhos e deseja mais empatia

sermos contaminados e a cada receita que sabíamos que era para quem estava doente, ficávamos apreensivos... Foi muito desgastante explicar à população o risco que todos estávamos passando e a responsabilidade de cada um em minimizar a transmissão”, afirmou. Mesmo não tendo sido contaminada pelo vírus, a jovem precisou lidar com a doença de forma constante e permanente, e essa convivência trouxe algumas lições.

Aprendizado e renascimento

Bibiana acredita ter se tornado uma pessoa mais compreensiva e empática, apesar dos exemplos negativos que vivenciou. “Mas também acredito que, infelizmente existe a maldade em algumas pessoas e temos que nos preservar bastante disso”, disse a farmacêutica quando se deparava com o negacionismo e

com a falta de responsabilidade coletiva.

Esse lado negativo do ser humano também foi testemunhado por Hellen enquanto esteve internada. “Vi muito egoísmo, as pessoas só pensavam em si e muitas vezes me tratavam como se minha doença não fosse grave”, lembrou.

Os aprendizados dessas duas mulheres, trazidos pela pior pandemia deste século e que lidaram de diferentes perspectivas com a mesma doença, representam a essência do que significa não só o domingo de Páscoa, mas toda a mensagem da Semana Santa: empatia, amor ao próximo, humildade, resiliência e uma valorização da vida e daquilo que realmente importa.

“Eu renasci, mudei minha visão de vida e hoje compreendo que a gente precisa viver um dia de cada vez”, diz Hellen.



Foto: Marcus Antonius

Um dos principais sentimentos após o renascimento pós-Covid-19 foi a possibilidade de sentir, novamente, a água do mar tocando os pés. O sentimento de retornar à vida foi, para centenas de pessoas, um instrumento para apreciar a beleza da vida



Capacidade de atendimento do Hospital Metropolitano faz a Paraíba realizar procedimentos complexo relacionados às cardiopatias e a tumores profundos, sem precisar transferir pacientes para outros estados

HOSPITAL METROPOLITANO

Referência em alta complexidade

Unidade administrada pela PB Saúde possui maior estrutura para cirurgia neurológica e cardiológica da Paraíba

Taty Valéria
tatyana.valeria@gmail.com

O mês de março de 2023 celebrou um marco histórico na saúde pública na Paraíba. Em termos percentuais, no último mês houve um aumento de quase 200% nos procedimentos de neurocirurgia, considerados de alta complexidade, em relação à média mensal dos últimos cinco anos. Segundo dados da Fundação Paraibana de Gestão em Saúde – PB Saúde, o Hospital Metropolitano Dom José Maria Pires realizou 145 procedimentos de cirurgia neurológica, 65 procedimentos de cirurgia cardiovascular e oito procedimentos de eletrofisiologia.

Inaugurado em 4 de abril de 2018, e sob gestão da PB Saúde desde 2021, o Hospital Metropolitano representa a maior estrutura de alta complexidade na área de cirurgia cardiológica e neurológica do Estado da Paraíba. De acordo com Luiz Gustavo de Barros Correia, presidente da PB Saúde, o rol de procedimentos realizados pela unidade faz com que a Paraíba não precise mais transferir pacientes para outros estados. Cirurgias de cardiopatia congênita, crianças que nascem com má-formação cardíaca, transplante de coração, procedimentos minimamente invasivos para tumores profundos do encéfalo e Parkinson, são alguns exemplos.

“Antes da presença dessa unidade hospitalar, com esse

Unidade completou cinco anos de funcionamento e comemorou com o aumento de 200% dos procedimentos de alta complexidade

perfil de serviço, esses procedimentos invariavelmente eram judicializados e realizados em hospitais particulares, ou tínhamos pacientes transferidos para outros estados. Posso resumir que, hoje, atingimos o clímax do atendimento de alta complexidade nesse estado”, afirmou Luiz Gustavo, que faz um comparativo pertinente. “Em relação à região Nordeste, apenas Pernambuco, Ceará, e talvez Bahia, possuem hospitais públicos que realizam atividades similares ao Metropolitano”, diz o presidente da PB Saúde, mas com uma ressalva:

“Quando vamos discurrir sobre o tratamento de AVC isquêmico, que é feito na sala de hemodinâmica, esse é o 4º hospital público do país que realiza esse procedimento, não havendo nenhum outro no Nordeste com oferta desse serviço”.



Hospital possui equipamentos modernos que garantem maior precisão nos diagnósticos e tratamentos



Metropolitano tem uma equipe profissional capacidade para procedimentos considerados complexos

Transplante histórico e novos equipamentos

O primeiro transplante de coração realizado numa instituição pública de saúde na Paraíba aconteceu no Hospital Metropolitano em março de 2022. O paciente beneficiado foi um homem de 60 anos, paraibano, que recebeu um novo coração de um jovem de 20 anos e a captação do órgão foi realizada no Hospital de Emergência e Trauma Dom Luiz Gonzaga Fernandes, em Campina Grande. O feito histórico marcou o início de um novo patamar no atendimento público aos paraibanos.

Desde então, foi implantado na unidade o Ambulatório de Transplante para atendimento a pacientes candidatos ao procedimento. Além do transplante em adultos, o Metropolitano tornou-se o 5º hospital público do país habilitado para fazer transplante de coração pediátrico. Já em 2023, os serviços de neurologia e neurocirurgia do Metropolitano foram habilitados pelo Ministério da Saúde para realizar serviços de assistência de alta complexidade em neurocirurgia do trauma e anomalias do desenvolvimento; neurocirurgia da coluna e dos nervos periféricos; neurocirurgia dos tumores do sistema nervoso; e neurocirurgia vascular.

O presidente da PB Saúde, afirma: “Teremos ainda mais investimentos. Já estamos em processo de licitação junto à Secretaria de Saúde para que possamos trazer para esta unidade mais um microscópio microcirúrgico, um aparelho de neuronavegação que irá permitir que possamos realizar as ressecção de tumores de forma minimamente invasiva, aparelhos de estereotaxia (que permite exames de biópsia orientada por radiografia). São equipamentos que irão oferecer à população paraibana o mesmo atendimento realizado, por exemplo, no Hospital das Clínicas de São Paulo”.

Equipe qualificada
Em 2021 a Fundação Paraibana de Gestão em Saúde realizou concurso público com oferta de 4.401 vagas. Com validade de 24 meses, já foram convocados 2.439 candidatos aprovados e 244 do Processo Seletivo. No final do mês de março desse ano, a PB Saúde publicou três novos chamamentos de aprovados e a meta é avançar na administração de outros serviços da rede de saúde da Paraíba.

Excelência no atendimento e ação na pandemia

O complexo hospitalar possui capacidade de 226 leitos, incluindo os de UTI (adulto e pediátrico), centro cirúrgico com 11 salas de cirurgia, além de um Centro de Diagnóstico por Imagem (CDI). Em relação ao ambulatório, o Hospital Metropolitano conta com 17 salas para atendimento médico, atendimento da equipe multiprofissional, estabilização, consulta de enfermagem, coleta e realização de exames. A unidade também possui um consultório exclusivamente para atendimento de consultas pediátricas que são realizadas em uma sala equipada com ambiente acolhedor e humanizado.

Gerir toda essa estrutura de modo a promover excelência no atendimento requer uma operacionalidade complexa. “Para que isso acontecesse, foi necessário, além da construção do

hospital, a manutenção dos serviços e o incremento tecnológicos por meio de investimentos maciços do Governo do Estado, através da gestão de João Azevedo”, afirma Luiz Gustavo, que aponta dois pilares fundamentais para alcançar esse patamar, e o primeiro diz respeito aos investimentos em alta tecnologia. “É um hospital que possui ressonância nuclear magnética, dois tomógrafos, incluindo um que foi entregue em fevereiro e que é o mais moderno do estado quando comparado aos hospitais públicos e privados. Equipamento de ultrassonografia e cardiografia de 3D e 4D, os únicos do estado. Dois aparelhos de hemodinâmica, dois microscópios cirúrgicos que conseguem realizar procedimentos de resecção de lesão de tumores”.

O segundo pilar diz respeito ao fato da PB Saúde fazer a

Hospital Metropolitano possui 226 leitos, incluindo os de UTI adulta e pediátrica, além de 11 salas de cirurgia

gestão do Hospital Metropolitano. “A Fundação Paraibana de Gestão em Saúde é pública, pertence ao Governo do Estado e ao povo paraibano, e isso facilita na aquisição de insumos, dá

celeridade quando comparada à gestão direta. Um processo licitatório, que numa gestão direta dura cerca de sete meses, pela PB Saúde esse processo dura 30 dias”, exemplifica o gestor, lembrando ainda de um ensinamento básico quando se trata de serviço público. “Saúde tem pressa, não há como aguardar 180 dias por uma medicação essencial para a sobrevivência de uma pessoa”.

Covid-19
Durante a pandemia da Covid-19, o Hospital Metropolitano se tornou a unidade de referência no atendimento dos infectados e ampliou sua capacidade de atuação com a disponibilização de 88 leitos exclusivos, sendo 31 de enfermaria e 57 de UTI. Para dar conta do contingente de pacientes, foi erguido o Hospital Solidário,

uma unidade de campanha, que dispunha de sete leitos de ventilação mecânica. Com cobertura lonada, montada numa área de 2.490 m² no estacionamento do Hospital Metropolitano, o Hospital Solidário atendeu pacientes com casos diagnosticados para o coronavírus, vindos de todos os 223 municípios paraibanos, por meio da Central de Regulação para pacientes Covid-19 da Secretaria de Saúde do Estado da Paraíba, organizado pelo Plano de contingência do Governo do Estado. De acordo com a Nota Técnica da Secretaria de Estado da Saúde, o Hospital Metropolitano Dom José Maria Pires, foi o serviço com o maior número de internações acumuladas para Covid-19 entre 2020 e 2021, acumulando mais de três mil internações naquele período.

ALGODÃO ORGÂNICO

Produção cresce 100% ao ano na PB

Cerca de mil famílias de agricultores se dedicam ao cultivo dos algodoeiros no Brejo paraibano e no Rio Grande do Norte

Márcia Dementshuk
Assessoria SECTIES

A produção de algodão integrada ao projeto Algodão Orgânico da Paraíba aumenta desde 2016 com crescimento de 100% ao ano. Nesse momento, na Paraíba e no Rio Grande do Norte, em torno de mil famílias de agricultores se dedicam ao cultivo dos algodoeiros (dados Instituto Casaca de Couro). Os agricultores têm ocupação durante cinco meses no ano e renda média de R\$ 900 por mês.

Para absorver essa produção, na última semana foi inaugurada a Usina de Beneficiamento de Algodão Antônio Inácio da Silva, a antiga Usina Boa Viagem, em Pirpirituba, município do Brejo paraibano, onde o algodão orgânico será descaroçado livre de contaminação por organismos geneticamente modificados, de forma segura. O procedimento vai garantir um aumento de 30% no produto quando for conquistado o “Selo Orgânico IBD”, certificação específica que já está em andamento.

O trabalho é extenso, inicia na produção e segue até a comercialização pela indústria de manufatura e esse projeto é coordenado pelo Instituto Casaca de Couro, da Paraíba. Conta neste Estado com parceiros como as prefeituras dos municípios produtores, a Prefeitura de Pirpirituba, o Governo do Estado por meio da Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior/Fapesq, da Secretaria da Agricultura Familiar e Desenvolvimento do Semiárido- (SEAFDS), da Companhia de Desenvolvimento da Paraíba; a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa Algodão); e a indústria Têxtil Norfil S/A, a Calvin Klein, a Reserva, a Malhas Menegotti, a Anselmi e o Instituto Renner.

No campo, envolve agricultores familiares da Paraíba e do Rio Grande do Norte que estão aprendendo e incorporando técnicas para plantar algodão sem usar agrotóxicos. No roçado há diversificação de culturas como o milho e o feijão, caracterizando a atividade agroecológica. As sementes utilizadas são de uma variedade desenvolvida pela

■
Agricultores têm ocupação durante cinco meses no ano e renda média de R\$ 900 por mês

Embrapa Algodão, específica para as condições do Semiárido. O técnico da Embrapa Algodão, Vlamínck Paiva, explica: “Na convivência com insetos, os vegetais aprendem a fazer defensivos naturais, à base de extrato de plantas e biofertilizantes”.

Dessa forma, os arranjos produtivos cultivados em consórcio, algodão, milho, feijão, e outros, dispensam defensivos químicos. Os agricultores recebem orientações e capacitações dos técnicos da Embrapa, de acordo com o desenvolvimento fisiológico das culturas, desde o plantio, até a colheita, armazenamento e comercialização.

O secretário de Estado da SEAFDS, Frei Anastácio, afirma que “hoje se implementa a agricultura agroecológica na qual além do algodão, por exemplo, há outros produtos também sem agrotóxicos que podem ser vendidos em feiras de rua. Há aproximadamente 40 feiras na Paraíba. A família terá mais renda, além da própria alimentação”.

O estado da Paraíba já vem fortalecendo iniciativas como essas, com destaque para o Programa Paraíba Produtiva, fruto de um Termo de Cooperação Técnica entre a Empaer, SECTIES, Fapesq, e SEAFDS. Tem enfoque em seis arranjos produtivos (entre eles o algodão) com investimentos de R\$2,5 milhões. O secretário executivo da SEAFDS, Bivar Duda, citou ainda a criação de legislação para agricultura familiar. “O Poder Executivo, por meio da secretaria, discutiu a lei de sementes orgânicas e mudas a qual foi apreciada pelo governador João Azevêdo e encaminhada para a Assembleia Legislativa. Essa lei deverá trazer transformações positivas para a agricultura familiar e sustentável na Paraíba”, declarou Bivar Duda.



Secretário executivo Bivar Duda da SEAFDS, Renato Gadelha e o secretário de Estado da SEAFDS, Frei Anastácio, na usina

Capacidade da usina atende bem a demanda

O algodão colhido no campo é recolhido por veículos do instituto e levado para a usina, em Pirpirituba. As montanhas de “sacas de lã” armazenadas remetem formação rochosa batizada com esse nome, próximo à Cabeceiras, no Cariri. Atracção turística, a excêntrica formação parece fardos de algodão empilhados. A Paraíba – especialmente a região polarizada por Campina Grande - viveu períodos de envergadura na produção de algodão, quando as sacas de lã (fardos de algodão) eram exportadas; ou declínio, quando o algodoeiro era dizimado por pragas como o “bicudo”.

Atualmente, plantar algodão orgânico tem aumentado a renda das famílias no Semiárido, não só na Paraíba mas também no Rio Grande do Norte, onde o projeto é denominado Algodão Agroecológico Potiguar, além de outros projetos existentes de



Algodão no estado natural entregue pelos agricultores na empresa

apoio ao plantio de algodão. A Usina de Beneficiamento de Algodão Antônio Inácio da Silva tem uma capacidade muito maior do que as 200 toneladas colhidas nos dois estados, em 2022.

“Uma situação puxa a outra”, argumenta Maysa Gadelha, presidente do instituto. “Precisávamos da usina para beneficiar a produção, garantindo que não fosse contaminada; agora, com a eficiência

do maquinário, temos capacidade para receber muito mais algodão”, complementa.

Reabrir a antiga Usina Boa Viagem - Beneficiamento de Sementes de Algodão Herbáceo, e restaurar o maquinário foi uma meta estabelecida entre 2016, 2017 pelo instituto quando a primeira visita à usina foi feita. “Até chegarmos a oficializar o processo de cessão, visitamos a usina três ou quatro vezes. Quem

abria era o Pedrinho Maravilha, [o Pedro Lima de Oliveira], que morava pertinho, ele e o pai”, conta Maysa. Pedrinho é filho do antigo vigia da usina, João de Oliveira Maravilha, e guardava as chaves de todas as portas e portões desde o fechamento, em 1985.

Naquele ano Pedrinho Maravilha tinha 13 anos. “Quando a usina fechou, meu pai, bem triste, trouxe as chaves para casa. Eu fui correndo perguntar se podia cuidar das chaves, na esperança de algum dia chegar alguém e eu estar aqui para voltar a abrir. E ele disse sim”, lembra o filho do vigia. “Essa usina representava muito para nós, para cidade. Quando eu vi essas máquinas chegando, passando na minha rua, eu me pendurei na janela pra ver e nunca mais esqueci”. A antiga usina teve vida curta, foi inaugurada em dezembro de 1980.

Maquinário foi restaurado e faz o processo de beneficiamento

A “nova versão” da usina mantém o maquinário da época, depois de ser restaurado. “O mais interessante, é que, quando chegamos, depois de tudo legalizado, com mecânico experiente para recuperar as máquinas e ele dizia, ‘está faltando tal equipamento’, Pedrinho dizia, ‘não, tá (está) guardado na minha casa’. Tudo das máquinas que ele achava que poderia ter sido roubado levava para a casa dele. Depois, ele trouxe tudo de volta e facilitou muito a vida do mecânico! Foi uma dedicação durante anos e nunca teve remuneração”, fala Maysa Gadelha. As máquinas estão pinta-

das com cores vivas vermelho e verde e passa a ser atrativo turístico do município, conhecido por ser a sede de comercialização das cachacas D’Diu e Serra Limpa. Segundo Maysa, foi preciso R\$ 600 mil para recuperar a parte de maquinário que executa o descaroçamento e os pré-dios. Esse valor foi obtido por meio de doações dos parceiros privados. Pedrinho é o atual vigia, agora remunerado, e sabe expor exatamente todo o processo de beneficiamento da nova Usina de Beneficiamento de Algodão Antônio Inácio da Silva. O nome é uma homenagem ao empresário, proprietário do

Engenho Imaculada Conceição, da Cachaça Serra Limpa.

A usina trará visibilidade a Pirpirituba, além da possibilidade de outras empresas aportarem no município. O prefeito de Pirpirituba, Denilson de Freitas Silva, considerou: “A reabertura da usina fomentará a agricultura local e regional, promoverá a geração de renda, o desenvolvimento econômico de toda a região e do estado. Há décadas víamos essa usina fechada e no semblante das pessoas o sonho de reviver um empreendimento que pudesse gerar desenvolvimento. O município foi forte na cultura do algodão há



Pedro Lima de Oliveira, o Pedrinho Maravilha, é o zelador

décadas e agora retornamos com a parceria com os órgãos, empresas, a prefeitura que oferece os cortes de ter-

ra, as sementes, as sacarias, o transporte, a assistência técnica aos agricultores da nossa região”.

Toda a produção é comercializada junto aos parceiros privados do Instituto Casaca de Couro e há mercado para expandir. Alexandre Harkaly, CEO da Qima IBD, empresa que executa as auditorias e inspeções para a concessão do Selo Orgânico, frisa que “a certeza de que o produto que sai do campo é o mesmo trabalhado na usina, com nada sendo misturado, e na indústria é fundamental. “Toda a rastreabilidade deve estar conservada. A integridade deve constar em todo o sistema e através de auditorias estamos fazendo esse processo no Casaca de Couro”.

CARIOCA 2023

Rio vai conhecer, hoje, o seu campeão

Flamengo pode até perder por diferença de um gol para o Fluminense, no Maracanã, que chegará aos 38º título

Flamengo e Fluminense decidem, hoje, a partir das 18h, no Maracanã, com transmissão ao vivo da Rede Bandeirantes, o Campeonato Carioca de 2023 que chega ao final de sua 125ª edição. Como rivais históricos, os dois clubes decidem o Cariocão pela quarta temporada consecutiva, o que é inédito na história da competição do estado do Rio de Janeiro. O Flamengo ganhou de 2019 a 2021, perdendo em 2022 para o Fluminense.

Na primeira partida, disputada no dia primeiro de abril, o Fla levou a melhor e venceu por 2 a 0, tendo a vantagem no segundo e decisivo confronto de perder até por um gol de diferença. No caso do Tricolor precisa reverter a vantagem por três gols de diferença ou dois para que a decisão seja nas penalidades máximas.

Na história geral do Campeonato Carioca, o maior campeão é o Flamengo com 37 títulos. Já o Flu, com 34 títulos, é o atual campeão e o primeiro a ser tetracampeão seguido, entre 1906 e 1909. O Vasco é o terceiro, com 24 títulos, mas está há sete anos sem vencer o campeonato. O quarto colocado é o Botafogo, com 21 títulos e o jejum desde 2018.

Em 2022, o Fluminense foi o campeão, e não deixou o Flamengo repetir justamente o recorde do Tricolor carioca, que venceu o Estadual por quatro anos seguidos, como citado acima. Vale lembrar que Flu e Botafogo são os únicos que conseguiram vencer um tetracampeonato seguido. O rubro-negro esteve perto de se juntar ao grupo, mas não conseguiu bater o rival na final passada.

O Fluminense terá os desfalques do técnico Fernando Diniz no banco de reservas pela expulsão no jogo anterior, além de Samuel Xavier, pelo mesmo motivo. Quem também está fora é Martinelli por contusão. As duas equipes no meio de semana tiveram jogos pela Libertadores e, com isso, viagens cansativas na primeira rodada da fase de grupos. O Flamengo foi até ao Equador enfrentar o Aucas e perdeu de 2 a 1, enquanto o Fluminense esteve no Peru enfrentando o Sporting Crystal, vencendo por 3 a 1.

Cano, do Fluminense, é o artilheiro da competição com 14 gols. O segundo colocado e que deixou de jogar desde as semifinais é Lelê, do Volta Redonda, e que já foi contratado pelo Tricolor. Pedro, do Flamengo, que marcou no primeiro jogo da decisão tem nove gols e aparece em terceiro lugar.

Mineiro

Hoje também tem decisão no Campeonato Mineiro com a segunda partida entre Atlético e América, às 16h30, no Mineirão. O Galo tem a vantagem do empate por ter vencido por 3 a 2 o jogo de ida, disputado no último dia primeiro.



Foto: Marcelo Gonçalves/Fluminense

Flamengo e Fluminense decidem a 125ª edição do Campeonato Carioca, hoje, no Maracanã, com o rubro-negro em vantagem devido a vitória no primeiro jogo

Palmeiras tenta espantar a zebra na decisão

A inédita final paulista terá o seu desfecho neste domingo, a partir das 16h, na Arena Allianz Parque, quando o Palmeiras recebe o Água Santa com a missão de vencer por dois gols de diferença para conquistar o título ou por um gol, neste caso, decisão nas penalidades. No jogo de ida, disputado na Arena Barueri, uma surpresa com a perda de invencibilidade do

Palmeiras na derrota de 2 a 1, resultado que mereceu elogios do técnico Abel Ferreira ao adversário. O Água Santa teve a semana inteira de trabalho sem nenhum jogo e chega a esta decisão mais descansado, já que o Palmeiras precisou estreiar na Libertadores na última quarta-feira, na Bolívia, diante da equipe do Bolívar, quando per-

deu de 3 a 1 com o time reserva.

O jogo deste domingo é ainda mais especial para o atacante Bruno Mezenga que tem sete gols no Campeonato Paulista e pode alcançar ou até mesmo ultrapassar os artilheiros Galoppo, do São Paulo e Roger Guedes, do Corinthians, ambos com oito gols. Mezenga vive um momento especial na carreira, já que o

Santos acertou com o Água Santa a sua contratação, juntamente com o lateral Gabriel Inocêncio, destaques do clube no Paulistão. Do lado palmeirense, o técnico Abel Ferreira já disse que a perda do título será uma vergonha para o clube e insiste que os jogadores têm condições de reverter o resultado e conquistar o bicampeonato



Foto: Cesar Greco/Palmeiras

No primeiro jogo da decisão deu zebra e o Água Santa derrotou o Palmeiras por 2 a 1 e hoje joga pelo empate para conquistar o inédito título

LITERATURA X TECNOLOGIA

“O trabalho da arte é fugir do automatismo”

Criatividade e originalidade humana estão em xeque por conta das novas ferramentas ligadas ao avanço da Inteligência Artificial?

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Com o desenvolvimento de algoritmos capazes de criar histórias completas, é possível que, no futuro, não haja mais espaço para a criatividade e a originalidade humanas na literatura. Quem afirma isso tem lugar de fala. Essa previsão sombria não foi fruto do raciocínio de nenhum ser humano. Ela foi pronunciada exatamente por quem é responsável por esses algoritmos: a Inteligência Artificial (IA) do ChatGPT. Lançado em novembro de 2022 pela OpenAI – cofundada pelo controverso Elon Musk –, ela já ultrapassou, em janeiro, a marca de 100 milhões de usuários por mês, tornando-se o aplicativo de mais rápido crescimento da história. Um ritmo de absorção pela sociedade que desafia a compreensão sobre suas consequências por parte de escritores e escritoras. Mas, criativamente falando, eles conseguem ainda imaginar.

O escritor Bruno Ribeiro, finalista do prêmio Jabuti com seu *Porco de Raça*, se interessou de imediato em explorar as capacidades do ChatGPT. Reconhecido por criar distopias de terror, ele já havia feito alguns experimentos absurdos no aplicativo, como simular como seria um conto de amor escrito por Alexandre Frota ou imaginar o país depois da morte de Jair Bolsonaro. Ele também fez simulações usando outros amigos escritores, a exemplo de Roberto Menezes e João Matias. “Tudo que a gente sempre lê na ficção científica é o que já vem acontecendo. Nós já estamos vivendo uma distopia. Não tem mais o que fazer. Quando você tem uma

ferramenta dessa que você consegue emular uma escrita, um conto ou um romance, isso já é um estado máximo de distopia”, acredita Ribeiro.

Atingir esse estágio só é possível porque a IA está programada para gerar respostas em linguagem natural para uma ampla variedade de perguntas e tópicos, utilizando um enorme conjunto de dados de treinamento. Para esse treinamento, o sistema é alimentado com grandes quantidades de dados de texto para que possa aprender padrões linguísticos e entender o contexto em que as palavras são usadas. À medida que o modelo é treinado com mais dados, ele melhora a precisão de suas previsões e se torna capaz de gerar respostas mais complexas e semânticas. Ele consegue, inclusive, emular um determinado padrão estético de um escritor ou escritora. Foi essa tarefa que o ChatGPT foi requisitado a criar: um conto seguindo o estilo de Bruno Ribeiro.

“Era uma noite escura e chuvosa quando o jovem Luiz saiu de casa para comprar cigarros. Ele caminhou pelas ruas vazias, sentindo o vento frio cortar sua pele. De repente, algo estranho chamou sua atenção: uma luz vermelha piscava ao longe, como se viesse de uma casa abandonada. Ele hesitou, mas a curiosidade falou mais alto. Luiz se aproximou e viu uma porta entreaberta. Sem pensar duas vezes, entrou”. Assim começa o texto que não pode ser creditado a ninguém por ter sido inteiramente criado por uma máquina tentando se fazer passar por Bruno Ribeiro. “Eu fico preocupado: será que escrevo tão mal assim? É assim que ele vê que eu escrevo? É meio tosco”, diz Ribeiro, aos risos. Mas ele faz ressalvas

importantes. “É interessante porque ele pega temas e palavras-chaves que eu escrevo. Essa ideia de lugar abandonado, luz vermelha e monstro têm relação com o que escrevo. Na minha literatura, estou fazendo algo totalmente antimáquina e, quando a gente vê, ele está emulando o que eu faço. O algoritmo está na nossa mente, ele não vem de fora. Vem de dentro. Por isso é tão assustador e parte totalmente do terror. Ele acessa você por dentro”, compara o escritor.

Reação similar teve a escritora paraibana Débora Gil Pantaleão. Ao ChatGPT foi pedido que criasse um poema como ela apresentou em obras que vão desde *Se eu tivesse alma* (2015) até *Objeto ar* (2018). Os versos da máquina começam assim: “Eu guardo as lembranças / como quem coleciona pedras / no bolso da calça jeans / e as carrego comigo / como se fossem tesouros / de um tempo que já passou”. Essa é só a primeira estrofe de uma sequência de trivialidades. “Eu achei bem ruim. Espero que eu escreva um pouquinho melhor que isso aí”, brinca Débora Gil. Mas ela também traça um paralelo interessante entre a máquina e o ser humano nessa colagem de referências diversas que levantam questões sobre privacidade e plágio. “Como a gente fala e escreve, já tem intertextos. Sempre teve. Isso não me assusta, mas eu não sei se isso é porque estou inocente”.

O que talvez mais tenha potencial para assustar não seja o quanto o programa é inteligente, mas o quanto ele pode ser estúpido e até criminoso em formas que não se pode prever. O ChatGPT tem como base de dados a própria internet, e se sabe como essa fonte de informação pode ser problemática, servindo como um espe-

lho que reflete o melhor e o pior das pessoas. Já se sabe que IA pode contribuir para a disseminação de estereótipos e preconceitos, o que pode levar a uma produção literária padronizada e homogênea, que não reflète a diversidade da sociedade. Outra preocupação é que a IA possa ser usada para manipular a opinião pública por meio da criação de conteúdo falso ou propaganda em larga escala com textos convincentes que afetam a percepção das pessoas sobre questões importantes. Escritores negros, tanto Débora Gil Pantaleão quanto Bruno Ribeiro precisarão continuar enfrentando no futuro o racismo de uma inteligência artificial.

O programa executa tarefas que estão além da compreensão humana, ensina a si próprio e não mostra como funciona, tampouco é regulado a não ser pelas próprias empresas. Neste cenário, nem mesmo os engenheiros envolvidos no projeto podem entender ou explicar exatamente o que acontece dentro da caixa preta dele. Uma coisa é certa: ainda estamos no início do que essa tecnologia vai ser. A Microsoft está investindo 10 bilhões de dólares em sua respectiva OpenAI, e tanto a Meta quanto o Google devem lançar em breve seus concorrentes ao ChatGPT. “É a primeira vez que eu vejo uma inovação que afeta esse campo da arte que me assusta um pouco. Por mais que ache curioso e interessante, fico me perguntando daqui uns anos se essas coisas escalam rápido como estão escalando, como vai ser? Como fazer agora com que a nossa linguagem seja visceralmente mais humana que a máquina vai emular da gente?”, questiona-se Bruno Ribeiro.

As inquietações de Débora Gil são menores porque ela não vê na IA um

risco para o seu mercado de trabalho. “Se a gente vivesse de literatura, isso seria algo que me preocuparia mais. Mas a gente já não consegue viver de literatura. Então, vou continuar sem pagar minhas contas. Enquanto humanidade, e no capitalismo, estamos sempre tentando desvalorizar a linguagem e a comunicação. É sempre sobre como a gente lida com as máquinas e a IA. O que isso nos faz ver sobre a humanidade e como a gente se organiza emocionalmente ou coletivamente”, defende Débora Gil. Por ter uma escrita mais barroca e sinistra, Bruno Ribeiro não vê por enquanto como ele pode usar essa ferramenta em sua produção criativa. “Talvez o nosso desafio como escritor é tentar driblar esses mecanismos, que vão ser difíceis, mas acho que seja possível. Talvez seja esse o nosso trabalho. O trabalho da arte é fugir do automatismo”, conclui Ribeiro.

Assim como o ChatGPT pode transformar autores de textos em algo obsoleto, também é possível fazer dele um leitor opinativo. Eis aqui o que o modelo de linguagem de inteligência artificial achou deste texto jornalístico: “A opinião crítica sobre a relevância e pertinência do texto é que ele é muito relevante e oportuno, uma vez que a discussão sobre os limites e possibilidades da Inteligência Artificial na arte é extremamente atual e tem implicações imprevisíveis para o futuro da humanidade. Além disso, o texto traz informações importantes sobre a tecnologia e como ela funciona, bem como exemplos concretos de sua aplicação na literatura. No entanto, é importante lembrar que o texto apresenta um ponto de vista específico e não cobre toda a extensão do debate sobre o assunto”.

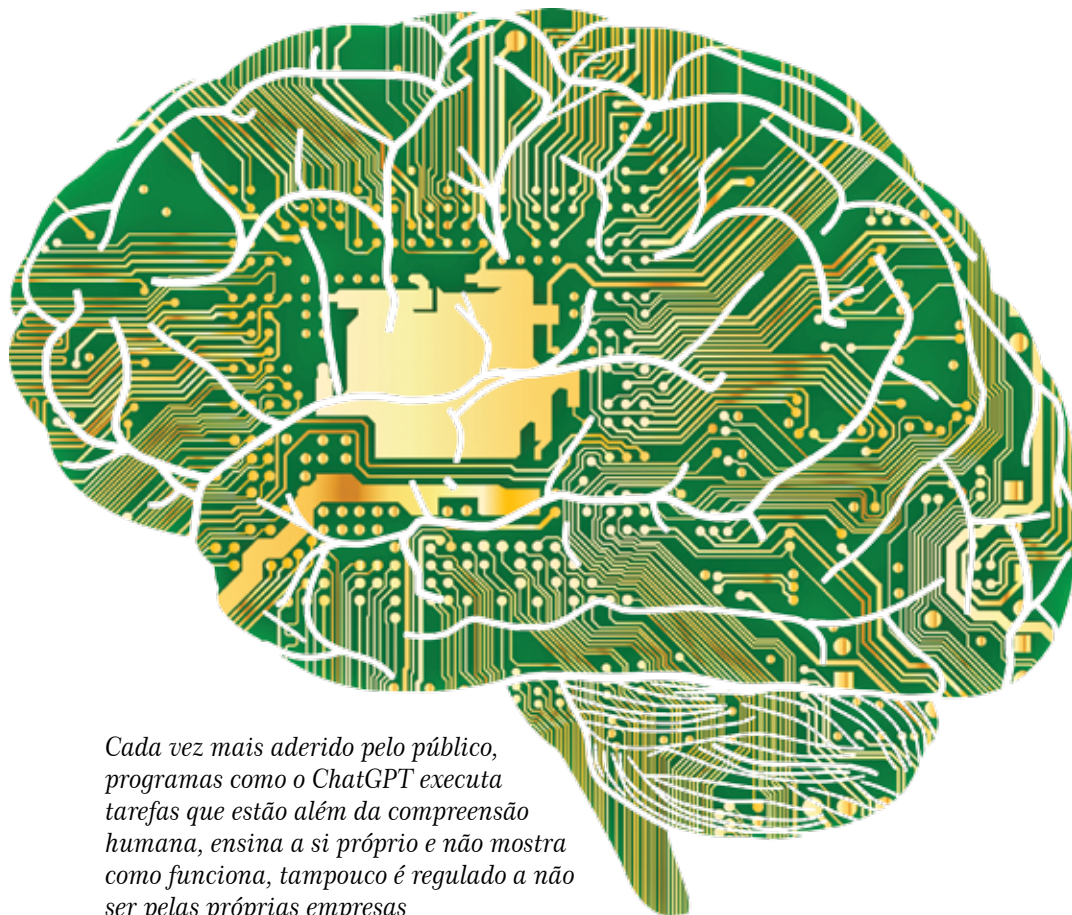


Imagem: Pixabay

Cada vez mais aderido pelo público, programas como o ChatGPT executa tarefas que estão além da compreensão humana, ensina a si próprio e não mostra como funciona, tampouco é regulado a não ser pelas próprias empresas

Foto: Bruna Dias/Divulgação

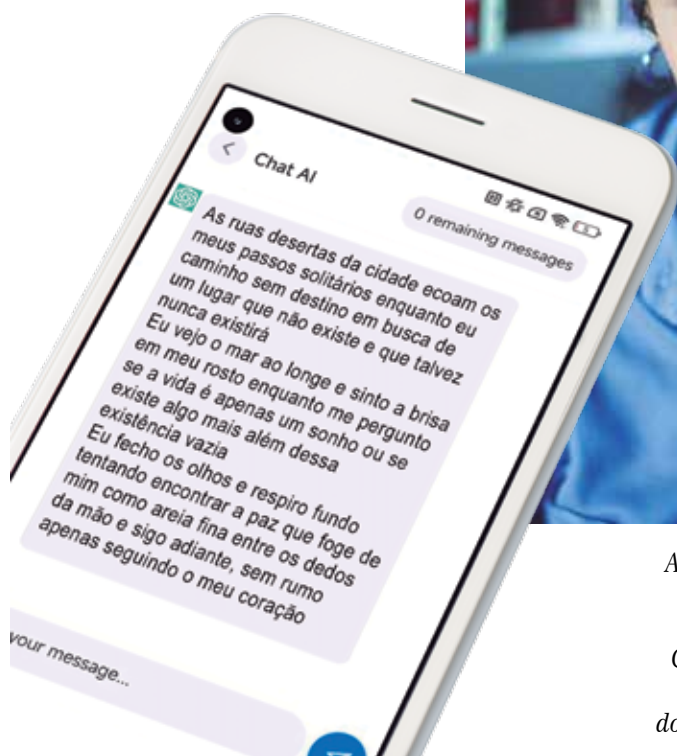


Autora de obras como ‘Se eu tivesse alma’ e ‘Objeto ar’, a paraibana Débora Gil Pantaleão solicitou ao ChatGPT que criasse poemas como ela apresentou em seus livros: um dos resultados pode ser visto ao lado

Foto: Marcinha Lima/Divulgação



Reconhecido por criar distopias de terror e finalista do prêmio Jabuti, o mineiro radicado na Paraíba Bruno Ribeiro pediu ao aplicativo para simular o seu estilo, exemplificado ao lado: “É assim que ele vê que eu escrevo?”



Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Entre o velho e o novo

A *pax* norte-americana, estabelecida após a Segunda Guerra Mundial, tem três pilares principais: a moeda de reserva mundial, o poder militar e a dominação cultural liderada por Hollywood.

A moeda de reserva mundial é uma grande vantagem para os Estados Unidos, já que é utilizada para negociações comerciais internacionais e as empresas norte-americanas podem se beneficiar da facilidade de negociação. Além disso, os Estados Unidos conseguem pedir empréstimos a taxas de juro mais baixas, o que ajuda a manter a economia saudável e estável. Política e estrategicamente, a moeda de reserva mundial dá mais poder de barganha nas relações internacionais e permite Washington impor sanções contra países que adotem políticas que não se enquadrem nos interesses norte-americanos.

Em uma entrevista recente, o senador republicano Marco Rubio expressou seu medo de que, com a criação de uma economia secundária baseada em outras moedas, os Estados Unidos possam perder a capacidade de sancionar países e impor sua hegemonia.

Essa visão é compartilhada por outros países que têm aberto mão do



Republicano Marco Rubio: receio com criação de uma economia secundária

dólar em negociações com a China. A Rússia, França e Arábia Saudita, entre outros, já tomaram essa decisão.

A situação na Ucrânia e as sanções impostas pelos Estados Unidos e pela União Europeia à Rússia tiveram efeitos contrários ao esperado.

A Rússia se aliou à China e estabeleceu novas redes de comércio com o oriente, valorizando sua moeda e impondo dificuldades profun-

das à Europa e aos Estados Unidos. A aliança euro-asiática, preconizada como grande ameaça à hegemonia estadunidense, acabou se concretizando.

Estamos vivenciando um processo de surgimento de uma nova ordem mundial. Um período no qual “o velho não morreu e o novo não nasceu.” Tempos de grandes conflitos e aflições.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Memória do afeto

A memória afetiva está enraizada em um passado e se manifesta na beleza da simplicidade, também é constituída de pertencimento. Geralmente uma boa lembrança faz bem a sensibilidade. Esse processo torna o ambiente mais agradável e produz o respeito na convivência humana. Considerando isso, o afeto humaniza o indivíduo a adaptar-se às transformações da sociedade, bem como a reconstruir os seus projetos de vida. Diante disso, o exercício de empatia ajuda a colocar-se com compaixão no lugar do outro, isto é, de quem vive ou viveu a própria história. Essa habilidade socioemocional estimula o bem-estar nos relacionamentos.

O cérebro humano sempre registra de forma consciente e inconsciente a realidade física e todos os comportamentos. Por exemplo, quando se está feliz, alguns reagem de forma semelhante; quando alguém está triste, outros são influenciados por essa sensação. Consequentemente, os bons afetos compartilhados geram uma harmoniosa mudança sensorial no local, que potencializa práticas positivas nos processos de trabalho e mais solidariedade nos relacionamentos. Por causa disso, percebe-se que cuidar do outro é cuidar de si. Esse acolhimento prioriza o respeito entre os diálogos e mantém o amor à vida

O tema do afeto, da felicidade e do amor foram estudados pelo filósofo grego Epicteto (50 d.C.-135 d.C.). Afirmava que uma vida feliz é a realização pessoal e surge de atitudes virtuosas, entre essas estão a serenidade e a paz. Ele foi filho de uma escravizada, nasceu em Hierápolis (atual Turquia) e viveu em Roma como escravizado do cruel Epafrodito, que quebrou uma das pernas de Epicteto quando muito jovem. Essa brutalidade o deixou manco e de saúde frágil. O perverso foi o chefe dos guarda-costas imperiais e secretário do imperador Nero (37 d. C.-68 d.C.). Entre os anos de 89 até 94 d.C., Tito Flávio Domiciano (51 d.C.-96 d.C.), líder supremo do poder romano no Ocidente e no Oriente, expulsou todos os filósofos da cidade de Roma. Isso permitiu Epicteto adquirir sua



Filósofo grego Epicteto (50 d.C.-135 d.C.)

liberdade e a retirar-se para cidade de Nicópolis, onde abriu sua escola de Filosofia; também divulgou seus livros, dos quais estes: *Manual de Epiteto* e *Os Discursos*. O conjunto de sua obra continua influenciando as gerações nesses mais de dois mil anos. Seus ensinamentos para uma vida feliz são encontrados em seu manual com conselhos éticos estoicos para ser usado ao cotidiano. Nesse estoicismo, mantém-se a fidelidade ao conhecimento e prioriza-se o que pode ser controlado somente pelo próprio indivíduo e despreza-se todos os tipos de sentimentos externos, entre esses a tempestividade da paixão e os desejos intensos e impossíveis. Para Epiteto o que preocupa os indivíduos não são as coisas em si; é, sim, os seus julgamentos acerca delas.

O *Manual de Epiteto* ajuda a enfrentar e a dignificar as dificuldades da existência. Ensina que não se deve trazer para si aquelas coisas que não estão sobre o próprio controle, pois, isso o conduz a ser escravizado delas. Contra isso, deve-se concentrar os esforços no que só é possível administrar com serenidade e compaixão. Por exemplo: criar uma memória afetiva no que a vida oferece, e buscar trans-

formar, quando for possível, algo como um bem para si. Ele afirma que a sabedoria é uma virtude nobre para harmonizar os relacionamentos, e ela permite a boa fortuna, também ajuda a desfrutar o bom uso da saúde, bem como a suportar uma doença. Diante disso, pode-se afirmar que essa nobre virtude permite ao homem ser livre... e a viver bem e a morrer bem.

Vejamos alguns ensinamentos de Epicteto: “A vida fica muito mais fácil quando deixamos de tentar controlar tudo à nossa volta. É preciso entender que existem aspectos de nossa vida que podemos controlar e outros que não podemos”; “lembre-se da fragilidade e a condição natural das coisas. Os objetos, os bens sempre acabam, o mesmo para os seres humanos. Diante da vida cada momento é único, e diante da morte é preciso aceitar a condição natural das coisas”; “o inesperado pode acontecer. Não se deve criar expectativas. É necessário deixar-se surpreender pelas boas surpresas e não se desesperar pelas ruínas”; “não temos nenhuma posse nesta vida, tudo que consideramos nosso, nada mais é do que um empréstimo temporário, o qual pode ser retornado no final de nossa vida ou antes. Você não pode perder o que você não possui,você não possui nada para perder”; “lembre-se que nem sempre aqueles com mais poder e dinheiro são mais felizes, eles jamais chegam a verdadeira felicidade. Limite-se apenas as coisas que você pode organizar bem. A liberdade e a felicidade estão dentro de você, não estão nos títulos e posses”; em cada projeto que você empreender, saiba que cada aspiração envolve esforço e tempo. O tempo é curto, se concentre no que você escolheu para si mesmo”.

Sinta-se convidado à audição do 414º Domingo Sinfônico, deste dia 9, das 22h às 00h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Irei comentar algumas peças que apresentam a memória afetiva da cultura e do país do compositor tcheco Antonín Leopold Dvorak (1841-1904).

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Ciúmes

Ciúme mata? Não, quem mata é o ciumento. O ciúme é o silvo, liga a angustia das criaturas, condenadas a intimações no “Procon do Amor”; voltas outras, com a cabeça martelada, procurando o beijo roubado no rio de quem mexeu na ferida viva. Esquece.

O ciúme não é uma só uma palavra, para os que ainda vivem como os pais de Belchior. É o ciúme quem desenha uma linha embaciada, entre assombros, sobre a velha cama dos coitos. Ué, e o ciúme deita da cama? Deita e não ronca.

Tanta gente que sofre antecipado com o ciúme, fica inventando coisas, na vontade de seguir o rastro, colher o impacto que não socorre, que irrita, enlouquece e maltrata.

À nascença de uma frase impura ou boba: “Tá morrendo de ciúme”, frase que parece não andar distante – sabe aquele nó, a flecha que esfola?

Por fim, ciumentos vivem do passado, com o ímpeto, a impressão alucinada, o carro a cem por horas, quando não a pé, trôpego, fazendo ronda e aquela sensação distante da vida.

No Sertão, as pessoas comiam as unhas de ciúme, na sede tirana e absurda da contraluz. Levanta e cai, sacode e ainda leva pra casa tudo que é triste.

Olha bem, presta atenção, quando um não quer, dois não brigam, mas quando um não mesmo... é melhor se zarpar, arranjar outra cama e pagar com a mesma moeda – que agora é criptomoedas, mas aí o rombo é maior que o ciúme.

Isso que torna tão próximo o gesto que se faz do ciúme, que muitas vezes começa na cabeça da pessoa que não parar de perguntar para onde o outro vai, de onde veio, é outra doença. Cuidado!

De tudo o que lhe escapa, esse cair em prantos ou deixar um jardim em prantos, como está na canção ‘Vesúvio’, de Djavan, é melhor dá no pé e procurar a ‘Moça’, de Wando.

Sai de baixo, fica em cima, a carne treme, o sexo bom demais que alimenta mais que o sol e a lua, os corpos em êxtase, que fazem tudo por um gozo demorado, do haver retorno, explorar, entrar e se está dentro, deixa. Tá com ciúme?

Os olhos tristes do açum preto do Gonzaga, o copular intimamente e o glosar, gozar, gozar, gozar no escuro, tropeçando pelos botões da blusa da canção do Roberto, até correr com malas para o “Fusca lá fora”, do Nando Reis.

O que não vale é ter ciúme de amizade, um mal desnecessário. Por favor, não tenha ciúme de amizade, é careta, medíocre.

Palavras, ciúme, estado emocional, complexo que envolve um sentimento penoso provocado por tal pessoa de que se pretende o amor exclusivo. Uma transa desfeita, que afasta os banhos juntos, a cerveja gelada, aquela balada, rabanada e rabo de saia.

A melhor canção de ciumeira é a Lupicínio Rodrigues, que pede que a pessoa vá embora, “vais me prejudicar, ele pode chegar, tá na hora!”

Tem outra dele: “Você sabe o que ter amor, meu senhor e loucura por uma mulher e depois encontrar esse meu senhor, nos braços de outro qualquer?”

Que Deus salve os ciumentos desse inferno...

Kapetadas

- 1 - Sexo é vida, por isso que a vida é foda.
- 2 - Quando o que deveria ser regra nos parece exceção, tem algo muito errado no mundo. E o ciúme?
- 3 - Som na caixa: “Tantas almas esticadas no curtume”, Caetano Veloso.



Lupicínio Rodrigues (1914-1974), inventor da “dor de cotovelo”

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Um cinema fiel à dramaturgia shakespeareana

Observando bem a obra de William Shakespeare, mesmo sob a ótica do cinema, não há dúvida de que a criação do poeta estaria para o teatro, assim como o teatro estaria para o dramaturgo inglês. E na maioria de suas peças, segundo o historiador Leandro Karnal, existe uma espécie de entropia sobre os valores humanos, sobretudo, em *Hamlet*.

Desde que conheço os seus textos, não são poucas as adaptações para teatro e cinema das obras de Shakespeare. Um dos maiores autores ingleses, atuante entre a segunda metade do século 16 até o início do século 17, deixando um legado de quase 40 obras – tragédias, dramas históricos, comédias, sendo as mais conhecidas *Romeu e Julieta* e *Otelo*, adaptadas algumas vezes para premiar o público de cinema; além de *Hamlet*, *Macbeth*, *Rei Lear* e peças amenas como *A megera domada*.

Numa das peças de Shakespeare, não obstante o amplo enfoque dado a uma das principais figuras, o Príncipe Hamlet, a personagem de Ophelia se apresenta com destaque. É o que se verifica na produção americana lançada em 2019, *Ofélia*, que assisti mais uma vez esta semana, pela Netflix.

Belo filme dirigido pela australiana Claire McCarthy, que nos presenteia com uma narrativa fiel à dramaturgia teatral e uma notória



No longa-metragem, a atriz Daisy Ridley interpreta a jovem dinamarquesa Ophelia

mise-en-scène bem original, sem nenhuma pirotecnia visual e desrespeitosa às origens do texto. É um filme encantador pelas imagens, pela cenografia, que vem cativando seu público-alvo com aceitação em mais de 70%, no mundo todo.

A história do filme, que já deve ser conhecida por muitos, fala da tragédia de uma jovem dinamarquesa, Ophelia (Daisy Ridley), à época considerada de origem plebeia na corte do príncipe Hamlet (George MacKay), por quem se apaixona. Ele, filho da Rainha Gertrudes (Naomi Watts), que é esposa do Rei Cláudio, personagem do ator Clive Owen. Toda a ação se passa no Castelo de Elsinor e suas cercanias, no interior da Dinamarca.

Um dado importante no filme, que a rigor entra de forma *en passant*,

quase imperceptível ao espectador desatendo, que é uma discussão sobre Ciência, sobretudo, médica, e a fé religiosa durante a Idade Média. São crenças e cultos que vão do satanismo, da bruxaria, à queima de pessoas na fogueira. Como também fica bastante claro o aforismo protestante da época, de que os conventos – a um dos quais Hamlet orienta Ophelia a se refugiar –, nada mais eram que meros “prostíbulos”.

Um outro aspecto importante no filme da diretora Claire McCarthy, sem dúvida alguma, é o do respeito à “dramaturgia teatral”. E jamais deveria ser diferente. O filme todo dá ênfase a uma *mise-en-scène* dos atores valorizando o teatro. – Mais “Coisas de Cinema”, em nosso blog: www.alexasantos.com.br.



APC lembra trajetória de seu patrono

Abril é o mês que marca os 24 anos de morte do cineasta Jureny Machado Bitencourt, patrono da cadeira 28 da Academia Paraibana de Cinema, que tem como ocupante o professor Pedro Nunes Filho, da UFPB. Bitencourt, que foi um dos mais influentes cineastas paraibanos, criou a Cinética Filmes Ltda., em agosto de 1974, com sede em Campina Grande, com a finalidade de produzir filmes publicitários para TV e cinema. Realizou vários curtas, incluindo *A Feira*, *Maria Coragem* e tantos outros. A sua obra mais importante foi *Parahyba*, numa parceria com o cineasta Alex Santos, membro da APC. O filme premiado em três festivais nacionais de cinema – Brasília, Fortaleza e Maranhão. Mais sobre Bitencourt, no YouTube (youtube.com/video/UUfTGZ4_Myg/edit).

Em cartaz

ESTREIAS

AIR – A HISTÓRIA POR TRÁS DO LOGO (Air. EUA. Dir: Ben Affleck. Bio. 12 anos). Baseado na história real do chefe da marca esportiva e de calçados Nike, Sonny Vaccaro (Matt Damon), e do fundador da Nike, Phil Knight (Affleck). CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 14h - 16h40 - 19h10 - 21h40.

O EXORCISTA DO PAPA (The Pope’s Exorcist. EUA. Dir: Julius Avery. Terror. 16 anos). O padre Gabriele Amorth (Russell Crowe), exorcista do Vaticano, luta contra Satanás e demônios possuidores de inocentes. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 13h45 (dub.) - 16h10 (leg.) - 18h30 (dub.) - 20h50 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 14h30 - 16h50 - 19h20 - 21h50; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 14h (exceto seg. e ter.) - 16h20 (exceto seg. e ter.) - 19h (exceto seg. e ter.) - 21h45 (exceto seg. e ter.); CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 16h10 - 18h20 - 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 16h10 - 18h20 - 20h30.

SUPER MARIO BROS. - O FILME (Super Mario Bros. EUA. Dir: Aaron Horvath e Michael Jelenic. Animação. 10 anos). Mario é um encanador junto com seu irmão Luigi. Um dia, eles vão parar no reino dos cogumelos, ameaçado pelo rei dos Koopas. CENTERPLEX MAG 3 (dub.): 14h - 16h15 - 18h30 - 20h45; CENTERPLEX MAG 4 (dub.): 15h - 17h10 - 19h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 14h15 - 16h30 - 18h45 - 21h; CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (dub.): 14h45 - 17h - 19h15 - 21h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 5 (dub.): 13h30 - 15h45 - 18h - 20h15 (seg. e ter.); CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (dub., 3D): 15h - 17h15 - 19h30 - 21h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub., 3D): 13h15 - 15h30 - 17h45 - 20h - 22h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (dub., 3D): 13h - 15h15 - 17h30 - 19h45 - 22h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub., 3D): 13h - 15h15 - 17h30 - 19h45 - 22h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 14h15 - 16h30 - 18h45 - 21h (exceto qua.); CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 15h; CINE SERCLA TAMBIA 6 (dub.): 14h30 (3D) - 16h25 - 18h20 - 20h15; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 15h; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 14h30 (3D) - 16h25 - 18h20 - 20h15.

CONTINUAÇÃO

A BALEIA (The Whale. EUA. Dir: Darren Aronofsky. Drama. 16 anos). Um professor recluso (Brendan Fraser) que vive com obesidade severa tenta se reconectar com sua distante filha adolescente para

uma última chance de redenção. CENTERTPLEX MAG 2 (leg.): 20h30.

DEMON SLAYER: TO THE SWORDSMITH VILLAGE (Demon Slayer: Kimetsu No Yaiba. Japão. Dir: Haruo Sotozaki. Animação. 12 anos). Tanjiro Kamado é um bom rapaz que, após a sua família ter sido massacrada, decide tornar-se um Caçador de Demônios. CENTERPLEX MAG 2 (dub.): 15h30; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 18h20.

JOHN WICK 4: BABA YAGA (John Wick: Chapter 4. EUA. Dir: Chad Stahelski. Ação. 14 anos). Com o preço por sua cabeça cada vez maior, o assassino de aluguel John Wick (Keanu Reeves) leva sua luta contra a Alta Cúpula. CENTERPLEX MAG 1: 16h30 (dub.) - 20h (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 13h20 (dub.) - 16h45 (dub.) - 20h30 (leg.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 13h45 (exceto seg.) - 17h15 (exceto sex., sáb. e seg.) - 20h45 (exceto sex., sáb. e seg.); CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 19h (sex. e sáb.); CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 16h50 - 20h; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 16h50 - 20h; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 19h (sex. e sáb.).

PÂNICO 6 (Scream 6. EUA. Dir: Tyler Gillett e Matt Bettinelli-Olpin. Terror. 16 anos). Os sobreviventes do massacre realizado pelo Ghostface decidem busca de um novo começo em Nova York. Mas não demora muito para eles se tornarem alvo de um novo serial killer. CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 16h - 20h45; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 20h45.

SHAZAM! FÚRIA DOS DEUSES (Shazam! Fury of the Gods. EUA. Dir: David F. Sandberg. Aventura. Livre). Deuses antigos chegam à Terra em busca da magia roubada deles há muito tempo. Shazam (Zachary Levi) e seus aliados são lançados em uma batalha por seus superpoderes, suas vidas e o destino do mundo. CINÉPOLIS MANAÍRA 5 (dub.): 20h15 (qui., dom. e qua.); CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 18h20; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 15h50.

OURSO DO PÓBRANCO (Cocaine Bear. Dir: Elizabeth Banks. Policial e Comédia. 18 anos). Um avião carregado de mais de 200 quilos de cocaína cai na floresta da Geórgia. Na busca pela substância, porém, um enorme urso está completamente chapado, ameaçando traficantes, polícia e turistas. CINÉPOLIS MANAÍRA 5 (dub.): 22h20 (seg. e ter.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 22h15 (qua.).

CINE BANGUÊ (JP) - ABRIL

ANDANÇA (Brasil. Dir: Pedro Bronz. Documentário. Livre). A vida de Beth Carvalho. CINE BANGUÊ: 12/4 - 18h30; 18/4 - 18h30; 27/4 - 20h30; 23/4 - 19h.

BELAS PROMESSAS (Les Promesses. França. Dir: Thomas Kruithof. Drama. 14 anos). Prefeita quer salvar a cidade da miséria e desemprego. CINE BANGUÊ: 10/4 - 18h30; 15/4 - 17h; 18/4 - 20h30.

O COLIBRI (Il colibri. Itália. Dir: Francesca Archibugi. Drama. 14 anos). Rapaz tem vida de perdas e amores absolutos. CINE BANGUÊ: 13/4 - 19h30; 16/4 - 18h; 19/4 - 20h30; 22/4 - 19h; 23/4 - 18h; 25/4 - 17h30.

MALI TWIST (Twist À Bamako. França, Canadá e Senegal. Dir: Robert Guédiguian. Drama. 14 anos). Em Mali, 1960, jovens de Bamako sonham com renovação política. CINE BANGUÊ: 9/4 - 18h; 11/4 - 20h30; 20/4 - 20h30; 24/4 - 18h; 26/4 - 20h.

O MASSACRE DA SERRA ELÉTRICA (The Texas Chainsaw Massacre. EUA. Dir: Tobe Hooper. Terror. 18 anos). Clássico de 1974. CINE BANGUÊ: 12/4 - 20h30; 15/4 - 19h; 17/4 - 18h; 26/4 - 18h; 30/4 - 16h.

MATO SECO EM CHAMAS (Brasil. Dir: Joana Pimenta e Adirley Queirós. Documentário. 14 anos). A história das Gasolineiras de Kebradas ecoa pela Prisão Feminina de Brasília (DF). CINE BANGUÊ: 11/4 - 17h30; 19/4 - 17h30; 30/4 - 18h.

MEDUSA (Brasil. Dir: Anita Rocha da Silveira. Terror. 14 anos). Uma gangue de mulheres fazem o melhor que podem para controlar tudo ao redor. CINE BANGUÊ: 10/4 - 20h30; 17/4 - 20h; 25/4 - 20h30.

MEMÓRIA SUFOCADA (Brasil. Dir: Gabriel Di Giacomo. Documentário. 14 anos). Qual a verdade sobre o Coronel Ustra?. CINE BANGUÊ: 5/4 - 20h30; 13/4 - 18h; 16/4 - 16h; 22/4 - 17h; 24/4 - 20h30.

PARAI (Brasil. Dir: Vinicius Toro. Drama. Livre). Menina guarani questionar seu lugar no mundo. CINE BANGUÊ: 20/4 - 18h30; 22/4 - 15h; 29/4 - 15h.

PERLIMPS (Brasil. Dir: Alê Abreu. Animação. Livre). A jornada de agentes secretos de reinos rivais. CINE BANGUÊ: 9/4 - 16h; 15/4 - 15h; 23/4 - 16h; 29/4 - 17h.

Letra
Lúdica
Hildeberto
Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Dicionários e direito

Não lido bem com o direito. Sou bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela UFPB, com pós-graduação em direito penal pela USP. Ali, tive um orientador dos melhores. Criminalista de renome, Paulo José da Costa Jr., e mestres da estirpe de um Miguel Reale Jr., Odon Ramos Maranhão, Goffredo Telles Jr., Aloísio Ferraz Pereira e Dalmo de Abreu Dallari.

Do direito, o crime, com seus enigmas, e a filosofia, com sua perplexidade, sempre me atraíram. Ainda hoje leio Aníbal Bruno, Nelson Hungria, Roberto Lyra, Giuseppe Bettiol, Giulio Battagline, Pontes de Miranda e Miguel Reale. De Miguel Reale e Pontes de Miranda, não gosto da poesia. Porém, as suas respectivas meditações acerca do direito sempre me ensinam e me dão prazer. Pontes de Miranda me parece um monumento incomparável na sua sabedoria aguda e plural.

Não sei por que o professor e jurista Renato César Carneiro me pediu o prefácio do recém-lançado *Dicionário de direito eleitoral*, organizado por ele e a desembargadora Fátima Bezerra Maranhão, fruto de suas respectivas experiências no vasto universo da ciência jurídica.

Pouco entendo de direito eleitoral. Aprecio, é verdade, os direitos constitucionais de votar e ser votado, embora tenha algumas cismas, algumas indecisões, algumas reservas, no que concerne ao regime democrático, apesar de considerar a verdade deste postulado: “Dos males, o menor”. Ainda jovem, estudante de direito, aprendi com a irreverência de Bernard Shaw, que a democracia nada mais é que “a eleição de uns poucos corruptos por uma gama imensa de mediocres”.

Rômulo Rangel, à época, meu professor de direito constitucional, não gostou quando retomei esta ideia numa de suas provas, mas, Hélio Soares, lente de direito comercial e mais flexível e elástico na seara dos saberes, apreciou, com bom humor, a ironia do dramaturgo irlandês.

Creio que aceitei o convite de Renato César Carneiro porque tudo que é dicionário me interessa. Ao hábito de frequentar curiosamente seus verbetes, cultivo também o hábito de colecioná-los. Por assunto, tema, motivos, cronologia, especialidades e outras categorias mais.

Amo os dicionários. Nos dicionários, encontro o sabor dos idiomas, a diversidade dos conceitos, a classificação do léxico, a possibilidade semântica de cada palavra. Se penso, por exemplo, na poesia, cada vocábulo se abre com seus sinais para o encontro com a paisagem do ser, na instantânea ontologia do espanto e da descoberta. Há, sim, poemas dentro das palavras. “Penetra surdamente no reino das palavras. / Lá estão os poemas que esperam ser escritos”, assegura Drummond, num de seus poemas de *A rosa do povo*.

Analisando o *Dicionário analógico da língua*, o filólogo Paulo Rónai fala do respeito que dicionários e dicionaristas lhe incutem. “Um respeito”, diz ele, “que não está completamente isento de medo, desde que sei que *Dom Casmurro*, antes de ser escrito, já estava inteirinho dentro de um dicionário qualquer: bastava arrumar-lhe as palavras de determinado jeito para sair dali o grande livro de Machado de Assis”.

A lógica do direito, sua dogmática, sua filosofia não estariam embutidas dentro dos dicionários jurídicos? Cada verbete não pavimenta uma pista doutrinária, uma proposição normativa, um eco possível das lições jurisprudenciais?

Nada melhor para adentrarmos o território do mundo do que mergulharmos nas páginas de um dicionário. Linguístico, científico, teológico, filosófico, econômico, jurídico, cada dicionário cataloga e enuncia os segredos da matéria selecionada como objeto formal e estudo.

Penso no esforço dos autores de um dicionário de direito eleitoral. O que é eleição? O que é voto? O que é partido político? O que é ideologia? O que é cidadania? O que é candidato? O que é fraude? O que é apuração? Estas e outras questões devem ser esclarecidas em perspectiva didática e propedêutica. O que é não é fácil nem é para qualquer um.

O dicionário traduz, em conceitos sucintos e eficazes, na clausura da linguagem e na sistemática tipológica, o magma caótico da realidade. O caos do mundo se converte na cosmologia do vocabulário. O dicionário cuida da vida, harmoniza a realidade, dá sentido ao inominável.

Consultar suas ofertas é fazer uma grande viagem por dentro do país das palavras. Nele, os dicionários, está registrado o afã de nomear, o convite ao conhecimento, à primeira e pequenina pedagogia da vida. Nunca diria de um dicionário: “Eis, aqui, o pai dos burros”. Mas, eis, aqui, o irmão dos sábios. Tenho certeza de que Renato César Carneiro e Maria de Fátima Maranhão hão de concordar comigo.

Colunista colaborador



Valma Toledo, Vandicleide Barbosa, Luby Baltar, Anna Raphaella Palmeira, Jurandir Maciel, Raul Zaccara, Ceres Leão, Luiz Pires, Socorro Ribeiro e Ana Carolina Palmeira Catão são os aniversariantes da semana.



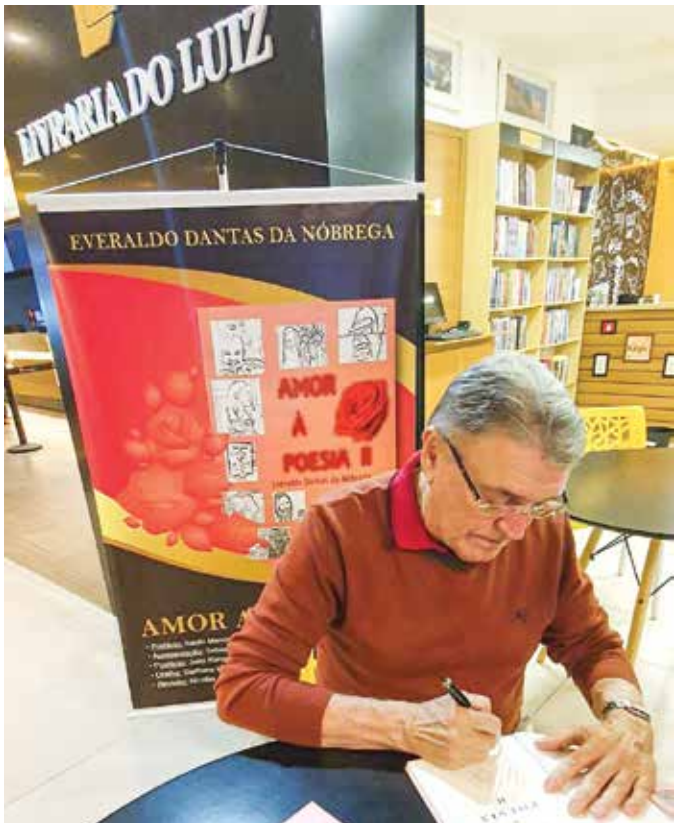
As porteiras da Fazenda Olho D'Água, em Galante, distrito de Campina Grande, em breve estarão abertas para receber mais um Arraiá de Cumpade. Nos últimos dias, a organização do evento divulgou as primeiras informações sobre como será a 11ª edição, que vai acontecer nos dias 10, 17 e 24 de junho e 1º de julho, a partir das 11h. Já está confirmada a presença de Dorgival Dantas, Mastruz com Leite, Brasas do Forró, Eliane, Waldonys e Forró Lampejo. Na foto, Rosa Aguiar e eu, estamos entre o empresário e forrozeiro Cumpade João, o gestor e artista do Arraiá de Cumpade



A diretora do CRECI/PB, Carla Bezerra Cavalcanti está encantada com a desenvoltura e saúde do querido neto, José Bento. Ele, que é filho da sua primogênita Kathleen Bezerra Cavalcanti Lopes e do seu genro, Lucas Lopes, recebeu, recentemente, o seu batismo.



A 40a. edição do Maior São João do Mundo foi lançada durante evento realizado na sede da Federação das indústrias do estado da Paraíba (Fiep), em Campina Grande. Na ocasião, o presidente interino da Fiep, José William Montenegro, na foto entre o presidente e da vice-presidente da Associação Paraibana de Imprensa (APU), respectivamente Marcos Wéric e Karla Alencar, prestigiou o evento que foi liderado pelo prefeito Bruno Cunha Lima. Nesta edição, foram confirmadas, entre outras, as seguintes atrações: Zé Vaqueiro, Elba Ramalho, Chico César, Alcimar Monteiro, Gustavo Lima e Flávio José.



“Amor e Poesia II”, o novo livro do escritor Everaldo Dantas da Nóbrega (foto), foi lançado, com muito sucesso, na Livraria do Luiz, na unidade do MAG Shopping. Inúmeros amigos do autor lotaram a livraria para prestigiar e adquirir a edição que teve apresentação do médico Sebastião Aires de Queiroz, orelha de Stephanny Lee e prefácio do poeta Saulo Mendonça Marques.



A advogada Nicole Leite (na foto com o noivo Paulo Marques, e Ezilda Melo e Abel Cavalcante), recebeu amigos para comemorar o aniversário no emblemático é encantador Tramonto Bar.



A secretária de Políticas Públicas para as Mulheres / João Pessoa, Nena Martins, foi uma das homenageadas pelo Centro de Apoio à Criança e ao Adolescente (Cendac), durante a 8ª Feira das Mulheres Artesãs, realizada no pátio da PBTur.

IMOBILIÁRIA

**PARAIBA
PROPERTY**

www.paraibaproperty.com.br
+55 83 99302-7071

SÃO BRAZ

**ESPRESSO SÃO BRAZ EM CÁPSULAS.
EXPERIMENTE.**

*marca de terceiro não relacionada com a São Braz

Um novo conceito de viver no campo: preservação ambiental, cuidado e carinho com a natureza e responsabilidade ecológica: esses são princípios que norteiam a administração do Alteza Condo Resort. Por isso, a empresa já plantou mais de mil árvores, reflorestando boa parte do condomínio e fazendo um novo grande plantio na Semana Santa, celebraremos o renascimento do Nosso Salvador. Ofereceremos as mudas que serão plantadas naquela ação pelas famílias, fazendo deste um momento inesquecível para todos e para o futuro do planeta. O Alteza está na área mais nobre e cobijada de Bananeiras, com vales que transformam o ambiente em um lugar de contato direto com a natureza, sem contar o que a área verde se mantém preservada dentro do Condomínio. E é um Conserpa&Enger. E esta colunista é paceira dessa ação ecológica.

O espetacular teatro Pedra do Reino, localizado no Centro de Convenções de João Pessoa, será palco para o escritor Leandro Karnal realizar a stand-up comédia intitulada Prazer Karnak. Os ingressos para o show já estão à venda no site Ingresso Digital (https://www.ingressodigital.com/evento/7952/Prazer_Karnal_O_Show).

Na festa de meu aniversário, que vou realizar durante almoço no restaurante Estaleiro Bessa, terei o apoio da Uigna Cabeleireira, do Arquivo Afonso Pereira, da Cachaça Triunfo e da Murion Semijoias, entre outros parceiros.

A empresária Jessica Gambarra, um nome de importância no segmento casamento, vai promover mais uma edição do Noivei. esgota?, evento que acontecerá nos dias 25 e 26 deste mês, na Marriage Recepções, empresa dirigida pelo casal Joaquim e Magdala.



Um dos objetivos das obras será a construção de parques como esse que garantirá espaço para a população se divertir e fazer atividades físicas para garantir mais qualidade de vida

CAMPINA GRANDE

R\$ 300 mi para obras de 25 projetos

Empréstimos aprovados pela Câmara vão garantir investimentos em parques, mercados, pontes e canais

Pettronio Torres
pettroniortorres@yahoo.com.br

Na última terça-feira, dia 4, a Câmara Municipal de Campina Grande autorizou a Prefeitura a contrair dois empréstimos no valor de US\$ 52 milhões de dólares, algo em torno de R\$ 260 milhões de reais, e outro de R\$ 40 milhões. Mas, afinal, para onde vai tanta grana? A União detalhou minuciosamente onde será investido este montante de R\$ 300 milhões. Parques, mercados, pontes, praças, canais, avenidas, calçadas, bancos e outros equipamentos públicos, tudo detalhado nas próximas linhas, de onde serão gastos as três centenas de milhões de Reais. Vale lembrar que o empréstimo ainda depende de apreciação e aval por parte do Senado Federal e da Secretaria do Tesouro Nacional (STN). Os empréstimos, com o aval das instituições, vão ser feitos junto ao Fundo Financeiro para Desenvolvimento da Bacia do Prata (Fonplata), no valor de 52 milhões de dólares, que financiará 15 grandes ações, e de R\$ 40 milhões

com o Banco do Brasil, para outras duas obras de macro abrangência. O projeto de lei que pediu autorização e foi aprovado na Câmara Municipal de Campina Grande na contratação de empréstimo junto ao Fundo Financeiro para Desenvolvimento da Bacia do Prata (Fonplata) trata de um pacote de obras que inclui um conjunto de 25 obras macro. Entre estas obras macro estão a revitalização do Açude Velho, implantação do Parque Ecológico do Poeta, requalificação completa da Feira Central, urbanização da orla do Açude do Bodocongó, implantação de nove terminais de integração e a urbanização de mais de 240 ruas, entre outras intervenções. “A intervenção, por exemplo, na Avenida Floriano Peixoto, uma das principais de Campina Grande, vai possibilitar, de acordo com a Prefeitura, ir da entrada da cidade ao Centro em menos poucos minutos. Serão implantadas, ainda, melhorias na drenagem e no saneamento básico, além de ações na área do Açude de Bodo-



congó, revitalização da Feira Central e a implantação do Parque do Poeta”, diz trecho de relatório minucioso enviado a todos os parlamentares da Casa Félix Araújo. O prefeito Bruno Cunha Lima explicou à reportagem de A União que o montante financiará um pacote de 25 grandes obras estruturantes, que terá impacto em toda a cidade de Campina Grande. “O financiamento é uma conquista enorme para Campina Grande e vamos transformar o futuro da nossa cidade, com obras es-

“
Recursos
financiarão
25 grandes
obras
estruturantes,
com impacto
na cidade
Bruno Cunha Lima

peradas há décadas pelos campinenses. Agradeço à sensibilidade dos vereadores, que compreenderam que o que estamos propondo é a melhoria de vida dos campinenses, com a geração de oportunidades de emprego e a realização de obras sonhadas há décadas pela população. Campina vai dar um grande salto de desenvolvimento dentro do nosso plano de transformação que estamos executando desde 2021, em todas as áreas da administração”, disse o prefeito Bruno Cunha Lima.

Tumulto na sessão para aprovação dos recursos

O presidente da Câmara Municipal de Campina Grande, vereador Marinaldo Cardoso (Republicanos) não teve vida durante as sessões que antecedeu e a do dia propriamente dito, para votação do empréstimo. A dúvida era se teria a presença da população campinense ou só profissionais da imprensa durante o evento da terça. O presidente decidiu manter as portas da Casa abertas durante as sessões. “O vereador manifesta sua expectativa de que as discussões das matérias em pauta ocorram dentro da normalidade do parlamento, numa atmosfera natural e cabível de debates, discussões e respeito geral, como se espera e exige dos ambientes e atores do processo democrático”, divulgou a Câmara, em nota. Operação de empréstimo Os dois empréstimos autorizados pela Câmara Municipal de Campina Grande, na úl-

tima terça, não serão os únicos. A Prefeitura pleiteia uma terceira operação semelhante às duas já em fase de conclusão com Banco do Brasil e Fonplata. A PMCG quer mais R\$ 130 milhões da Caixa. O empréstimo viria através da Finisa, que é o Financiamento à Infraestrutura e ao Saneamento voltado ao setor público com processos de contratação e prestação de contas ágeis e simplificados. Por meio da linha de financiamento é possível que o ente público pleiteie recursos para apoiar financeiramente diversas ações orçamentárias em curso, como investimentos em infraestrutura, mobilidade, equipamentos, iluminação, construção de escolas, creches, hospitais, entre outros. O montante será usado, em caso de aprovação, na duplicação das avenida Aeroclube, Plínio Lemos e Tavares. Também serão investidos no acesso ao aeroporto e na marginal Assis Chateaubriand.



Detalhes da aplicação dos recursos nas obras

Para onde vão os recursos da Fonplata

- Riacho de Bodocongó (trecho 02 – Rua Iara Amaral a Avenida Francisco Lopes, Ponte do Cruzeiro)
- Canal do Prado – (trecho 02 – Av. Assis Chateaubriand a R. Maria Gomes Carneiro)
- Parque Municipal do Poeta
- Reforma do Açude Velho
- Tratamento da Orla do Açude de Bodocongó
- Pavimentação asfáltica - corredores ônibus prl. da Floriano Peixoto (trecho da Félix Araújo a Alça Leste)
- Estação Nova Ferroviária (nove integrações multimodais

- Feira Central e Mercado Público)
- Infraestrutura do Polo Logístico
- Revitalização Teatro Municipal Severino Cabral
- Revitalização Museu Histórico
- Revitalização Biblioteca Municipal Félix Araújo
- Praça Clementino Procópio
- Revitalização Feira da Prata
- Data Center Municipal
- Parque Tecnológico de Campina Grande

Para onde vão os recursos oriundos do Banco do Brasil

- Parque Evaldo Cruz
- Para melhorar a vitalidade do Parque Evaldo Cruz, diferentes usos estão inseridos no projeto
 - Comércio interna e externa
 - Serviço - Ciclovia
 - Lazer - Quadra poliesportiva
 - Cultura - Anfiteatro
 - Esporte - Playground
 - Pista de caminhada - Espaço pet
- Pavimentação em diversas áreas da cidade

Fernando Melo

A trajetória de uma carreira da tradução de telegramas à editoria-geral

Jornalista que se apaixonou por todas as causas das quais se aproxima conta como cobriu fatos importantes na política e do amor pela literatura, além da admiração por brasileiros como Darcy Ribeiro e o Marechal Rondon

Luiz Carlos Sousa
lucsjp@gmail.com

Logo no começo dessa conversa, Fernando Melo foi deixando claro que é um homem que se apaixonou por tudo que faz. Por causa do gosto pela Literatura foi levado pelo irmão Paulo Melo para A União. Começou, como muitos, traduzindo telegramas e chegou ao cargo de editor-geral, tendo também escrito coluna política e de xadrez, esporte que foi uma dos amores de sua vida. Nessa conversa para o Memórias A União, ele revela detalhes da cobertura que fez quando dois deputados se agrediram no Plenário da Assembleia Legislativa e um deles acabou levando um tiro. Fernando Melo também conta que ainda tem saudades da redação, mas acredita que não se daria bem no ambiente de hoje e fala sobre temas de seus livros como Robert Fischer, o enxadrista norte-americano e da importância de alguns brasileiros como Cândido Rondon, Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira.

Entrevista

■ Como começou sua história com A União?

Esse momento pra mim é muito feliz. Andei um pouco doente estava e continuo isolado e minha memória aqui acolá falha. Mas essa sua pergunta ela me toca muito porque tenho a sorte de lembrar como foi que eu entrei no Jornal A União.

■ Pode contar pra gente?

Devo isso ao meu irmão Paulo Melo, que na época era uma pessoa de um certo destaque na imprensa. Eu via em casa estudando no Liceu sem trabalhar. Ele falou com o secretário e com o editor do Jornal e pediu.

■ Como você chegou à Redação?

Naquela época tinha o telex. As notícias chegavam por telex e tudo em caixa alta. Meu trabalho era ler e riscar com um lápis vermelho o que seria a letra maiúscula. As demais eram consideradas minúsculas. Comecei o trabalho assim.

■ Dai em diante foi saltando de cargo em cargo na redação?

Houve um rei na mitologia grega, que tudo que tocava virava ouro. O nome dele era Mídas. A comida virava ouro, a água também. Eu tenho mais sorte do Mídas, porque tudo que eu toco vira paixão. E a paixão alimenta minha alma.

■ A União também se tornou uma paixão?

Exatamente uma paixão, porque eu tive a felicidade de conhecer todos vocês. Aliás queria lembrar com carinho e muita saudade o velho Zé Boró, que era contínuo e o cara que servia o café e a gente brincava muito com ele. Zé Boró sempre muito bem humorado. E a figura de Antônio Barreto Neto.

Na época havia essa figura, que levava os papéis de um setor para o outro e sempre trazia um cafezinho quente...

A gente tinha direito a fumar e a puxar o papel da máquina de datilografia para aperrear o vizinho com o barulho. Ainda hoje ouço o barulho do papel. Isso foi marcante pra mim. Com o passar dos dias, acho que fui agradando o secretário do Jornal e ele foi me chamando para

do mandou que eu fosse buscá-lo. Fiz uma viagem de automóvel para ir buscá-lo porque naquele tempo o avião não vinha para João Pessoa. Parava em Recife. Fui buscá-lo com José Calistrato, uma cara que até depois foi preso, torturado, fez greve de fome por conta de um assalto a Sousa Cruz. Um revolucionário, ativista mesmo.

■ E durante a viagem você fez a entrevista?

Duas horas e ele não parou de falar. Ele e Calistrato dirigindo um Fiat e eu atrás com o gravador. Duas horas falando.

■ Falou mais do que Prestes?

Falou mais. Publiquei n'A União. Página inteira no primeiro caderno.

■ Você trabalhava em A União, seguia as recomendações editoriais, mas nunca escondeu suas preferências políticas?

Eu acredito que fui um bom profissional. Sempre fui um homem de esquerda, uma pessoa voltada para esse pensamento. Meu ídolo na juventude chamava-se Che Guevara. Até a pouco escrevi sobre ele dizendo que não acreditei que havia sido assassinado nas matas da Bolívia. Mas pra mim Guevara nunca morreu. O sonho de liberdade dele nunca morreu. Mas no exercício profissional eu respeitava. É tanto que entrevistei Paulo Maluf com todo o respeito. Entrevistei Marco Maciel, que foi uma das grandes entrevistas que fiz na vida. Maciel era vice-presidente de Fernando Henrique Cardoso.

■ Da tradução de telegramas você foi para que setor?

Fiquei direto na redação, entrando já na política como repórter, entrevistando. Sempre vivi n'A União no meio político. E até hoje duas pessoas me marcaram. A mais importante foi Luiz Carlos Prestes. Me sinto um homem feliz por ter conversado com Luiz Carlos Prestes.

■ Onde foi essa entrevista?

Na API (Associação Paraibana de Imprensa). Pela minha lembrança, foi exclusiva. Eu com ele só. Naquela época sem querer desfazer os demais jornais, A União tinha muito prestígio. Não porque era do Governo, mas porque era muito lido mesmo. E recebi essa pauta. me lembro dele subindo a escadaria da API fui pegando no braço dele e ele não deixou. Tinha 80 anos ou mais, o Prestes.

■ Conversou sobre qual tema?

A passagem dele na Paraíba. Ele não foi a Piancó, mas passou 40 minutos ou mais falando sobre o tema. Eu fui interromper para fazer outra pergunta e ele: "Não, o senhor perguntou, o senhor vai ouvir".

Uma cena dessas não dá para esquecer...

Nunca me esqueci. Apesar de ele já ter dado um milhão de entrevistas, não entendia que havia um tempo. Passou 40 minutos falando sobre a passagem por Piancó e é porque ele não foi. Se tivesse ido a resposta teria durado duas horas.

■ E qual foi o outro personagem?

Outra pessoa que me impressionou foi quando o então metalúrgico Luiz Inácio Lula da Silva estava fundando o Partidos Trabalhadores pelo país. Ele viajou por todas as capitais e veio a João Pessoa. O Parti-



Fotos: Edson Matos

Em trechos da entrevista, Fernando Melo se emocionou lembrando fatos que marcaram a História e sua vida profissional

importante do Governo instituído em 1964. Ele foi embaixador na França, ministro da Fazenda, sempre no poder.

E muito inteligente...

Demais. Muito falante. Gonzaga Rodrigues era o diretor na época e me disse: "Se prepare que amanhã você vai para Brasília". Eu tinha pavor a avião. Não é medo do avião cair, é que não gosto do avião, daquela cerimônia, daquelas meninas bonitas a força, a espera. Eu evito. Foram sete ou oito jornalistas.

■ Mordomia total?

Carro pra cá e pra lá. Tudo do melhor. No dia seguinte fomos logo cedo para o Ministério da Agricultura. Quando entrei, fomos logo cedo, 7h da manhã vi que a coisa não estava muito boa pra mim. Muita cerimônia, paletó e gravata, os assessores tudo com medo. Quando ele entrou, tomei um susto. A gente via Delfim na televisão sempre do busto pra cima, mas ele é bem baixinho.

■ E nada da entrevista?

Ele falou uns 20 minutos sobre os projetos. Quando terminou, cada jornalista tinha direito a uma pergunta. Eu já estava cheio com tanta cerimônia, aquele protocolo.

■ E aí?

Ministro, o senhor é muito ingrato. Os assessores desapareceram. Mas ele, muito inteligente, percebeu que eu estava preparando algo. Vou lhe provar porque: o senhor teve a grande chance de conhecer a Paraíba. E não sabe o que perdeu, uma carne de sol com macaxeira. O ministro sorriu e acabei fazendo a pergunta que nem lembro qual foi.

■ Na cobertura diária da Assembleia você deve ter testemunhado muitos episódios interessantes. Gostaria de destacar algum?

Na verdade, houve vários epi-

sódios interessantes. Um deles foi o do tiro de Afrânio Bezerra em Marcus Odilon. Eu estava dentro da Assembleia conversando com um deputado numa salinha que havia para que os parlamentares recebessem alguém. Eu conversava com José Luiz Júnior que fora jogador do Treze, quando Marcus começou a discutir com Afrânio. Marcus no final do Plenário e Afrânio na Tribuna, falando algo sobre Santa Rita, acredito.

Esse foi realmente um episódio de grande repercussão... Marcus quando ficava com raiva virava uma fera. Ele corre para pegar Afrânio, que sacou o revólver e avisou: "Não venha não que eu atiro". Marcus foi e ele atirou. Ao invés de cair, Marcus subiu na Tribuna e pegou Afrânio, botou ele no chão e começou a morder o rosto de Afrânio. Ele arrancou o nariz de Afrânio.

■ Estavam sós no Plenário?

Não. Deixe-me ver se lembro. Havia três deputados no Plenário: Luiz de Barros, Egidio Madruga e um terceiro, todos três fortes, querendo tirar Marcus de cima de Afrânio sem poder. O sofrimento de Afrânio não foi nem a mordida, mas o peso de Marcus. Ele ficou sem poder respirar. Soares Madruga era o presidente e Ramalho Leite era adversário de Afrânio começou a dizer assassino, assassino. Afrânio coitado, digo coitado, porque ele nunca atirou em ninguém e sofreu mais do que o tiro que deu. Nunca tinha atirado em ninguém, era um cara pacífico, e a bala deve ter saído devagar de tão pouco usado que o revólver era.

■ E os desdobramentos desse episódio?

Eles tiveram que viver com seguranças permanentes, Afrânio foi a São Paulo e fez uma cirurgia para restaurar o nariz. Foi uma loucura.

■ Você disse que houve vários episódios interessantes. Poderia contar outro?

Esse foi no Governo Burity, que não queria ser governador, queria ser reitor e nunca foi. Burity foi uma indicação de José Américo, que foi o político que mais mandou nesse estado. Mandou mais de 50 anos. Indicou Ernani Sátiro, Ivan Bichara, Burity, todos. Quando vinha um general à Paraíba, presidente ou não, tinha que pedir a benção a Zé Américo. Mariz quando foi candidato e perdeu na Assembleia, foi influência de Zé Américo.

■ Mas qual foi o episódio?

Eleição para a presidência da Assembleia Legislativa. Candidato do Governo, Assis Camelo. E Fernando Milanez, de quem tenho boas lembranças, gostava muito dele, era muito vaidoso e topou a parada e foi candidato também. E Milanez sempre foi um homem muito polido, jeitoso para a política. O Camelo era mais quieto, calado, mais de obedecer do que mandar. Milanez também era governista, mas obedecia e mandava também. Tinha a turma dele.

■ Foi candidato de oposição?

Ele rompeu com Burity para ser candidato a presidente. Burity perdeu a eleição, com vitória de Milanez. Burity traído. Nunca tinha havido um caso desse: o candidato do governador perde a eleição. Acho que ainda hoje é assim. Burity ficou com raiva e Burity com raiva era um perigo. Ele determinou a Luiz Augusto Crispim que a gente fizesse alguma coisa. Não lembro bem, mas acho que eu era editor do jornal, porque o material saiu na primeira página: uma foto grande de Milanez com o título "Milanez é um homem sem palavra".

■ E o dia seguinte?

Fui para a Assembleia, tinha que ir, aí Milanez, cujo prenome é Fernando, igual ao meu, me chamava

de Fernandinho, se aproximou, me cumprimentou e disse: "Fernandinho, eu gosto tanto de você". Mas deputado, essa matéria foi o próprio governador que mandou fazer, o senhor acha que eu ia dizer não? Posso dizer não ao senhor, mas ao governador? Sou empregado dele. "Não tá certo", disse ele.

■ Não houve desdobramentos?

Veja o que danado é a política. Sofri com aquilo, porque eu não queria magoar Milanez, de quem era amigo. Mas depois, se reconciliaram e Milanez foi várias vezes ao Palácio visitar o governador.

■ Não houve registro fotográfico?

Foi o fotógrafo que viu essa briga de Afrânio com Odilon e não fez nada, rapaz. Esse cara hoje seria homem rico se ele tivesse fotografado, né? Ele ficou com tanto medo que não apertou o gatilho. Era para fazer.

■ E com a Câmara Municipal, houve algum episódio que você gostaria de registrar?

Não. O que eu posso dizer com relação a Câmara Municipal? Eu não ia muito lá não. Agora eu sofria muito. Ai eu posso entrar na Câmara. Na época do recesso, eu fiz algumas coisas - tenho uma vantagem, eu não gosto de mentir, embora a mentira seja necessária. Na época do recesso, eu procurava deputado e vereador como quem procura agulha no palheiro, porque eu tinha como escrever matéria. Eu vou contar aqui uma coisa vocês podem achar até criminosa, mas não tem como não contar. Então, eu conhecia os deputados, convivia com eles, o dia a dia dele sabia o pensamento, o pensamento, a área pública, a área onde ele atuava, os projetos que ele estava tinha em mente.

■ É um drama real fazer matéria política em período de recesso?

Numa ocasião eu queria fazer

uma matéria e aí me lembrei de um deputado que uma vez conversando comigo, sobre um projeto lá numa das cidades que ele tinha voto e estava caminhando. Aquilo ficou em conversa sem sair no jornal. Ai eu aproveitei e escrevi uma matéria de página inteira, botei a foto dele e tal, dizendo que tinha conversa-do com ele.

■ Mas então não foi mentira?

No fundo, no fundo eu não menti, mas eu disse que só menti quando eu disse que o projeto já estava bem encaminhado, carreguei nas tintas. Naturalmente, eu ia na Câmara conversar com os vereadores, que mesmo em recesso, eles vão lá. Eu conversava com vocês, mas eu não tenho boas recordações da Câmara, não.

■ Fernando, além da política, da paixão pelo fazer jornal diário, eu me lembro que você também dedicava um tempo ao xadrez. Assim como na literatura, era Balzac, no xadrez era o norte americano, Robert Fischer. Eu queria você fizesse um pouco dessa sua ligação com o xadrez e como o xadrez foi importante na sua vida?

Eu me dediquei 50 anos da minha vida ao xadrez. É tanto que eu digo sem vaidade nenhuma, que sou um nome conhecido nacionalmente por conta desse meu trabalho no xadrez. Eu criei um torneio que ainda hoje existe, está na 11ª edição, a qual eu não participei, fiz apenas um discurso no encerramento quando me publicamente do xadrez chamado Memorial do Esporte. Eu diria a você que o xadrez, me ensinou muita coisa. Fui colunista de xadrez e escrevia num blog, divulguei abertamente a abertura bird, que ficou conhecida por conta do nosso trabalho. Era totalmente desvalorizada, desmoralizada, nunca jogada.

■ E como foi que a União entrou nessa cobertura do xadrez?

A União foi o único jornal junto com a Folha de São Paulo que cobriu a vitória de Mequinhem em Manila, em 1976, que foi um feito. Mas há duas passagens na vida de Fischer que eu gostaria de frisar aqui. A primeira foi quando ele jogou as Olimpíadas de xadrez. É o seguinte era uma equipe de três jogadores contra três jogadores de outro país. E a final foi União Soviética contra Estados Unidos, a final mais esperada da história do xadrez. No primeiro tabuleiro da União Soviética, o então campeão do mundo Mikhail Botvinnik, amigo pessoal da intimidade de Stalin. Tinha prestígio político. Era campeão do mundo e tinha ao lado dele uma equipe para analisar - nata a mundial - Mikhail Tal, Tigran Petrosian, todo esse pessoal do primeiro time, grande mestre, a maioria ex-campeão mundial. Fischer tinha um analista pago pela Federação, mas não queria conversa com ele, poderia atrapalhar. Botvinnik tinha 45, 47 anos e Fischer 17. Um pirralho. Naquele tempo, a partida

tinha 40 jogadas, mas se não terminava, continuava no outro dia. A posição era boa para Fischer. Não era um jogo fácil, mas era boa.

■ Aquela situação favorável?

A partida foi suspensa. Fischer revoltou-se. Chorou, diante do campeão do mundo, não fazia diferença, o mundo era ele. Ele sabia que era bom. Não tinha mulher, não tinha filho, o mundo era o xadrez. O mundo era ele. Depois ele casou-se, teve um filho. A partida foi retomada no dia seguinte e deu empate porque o assessor de Mikhail Botvinnik identificou uma jogada que proporcionava o empate. Veja só todo mundo contra Fischer.

■ A imprensa fazia um cerco total a Fischer?

A imprensa toda só queria saber de Fischer. Perguntaram presidente da Federação Internacional de Xadrez quem seria o campeão. E ele disse: "Torneio que Fischer participar não se pergunta quem vai ser o campeão, mas quem vai ser o vice". Fischer não só ganhava, humilhava com diferença muito grande de pontos.

■ Tem aquela história do dinamarquês, que venceu Fischer uma vez?

Bent Larsen. Ganhou uma partida de Fischer, era bôco, saiu falando um monte de bobagens. No desafio seguinte Fischer aplicou-lhe uma vitória esmagadora vencendo por 6 a 0.

■ E a final?

Tigran Petrosian imbatível. Tinha fama de jogador forte porque não perdia, quando não ganhava, empatava. A final eram 18 partidas e eu vou dizer uma coisa que você não vai acreditar, nunca descurdava, chegava a botar quase todas a peças na defesa.

Fischer perdeu quatro.

■ E a final do torneio mundial, quando Fischer repetiu uma jogada, o que é proibido aos grandes mestres?

Na primeira partida ele perdeu na final contra Boris Spassky. Foi nesse torneio que repetiu uma jogada e todo mundo ficou reclamando, dizendo que não se faz isso. Ele prendeu lá uma peça e deu a partida, a primeira partida. Depois arrasou. O xadrez naquela época ficou mais conhecido do eu o futebol, como projeto.

■ Você também experimentou na União um estilo de cronista?

Escrevi umas crônicas eróticas, umas coisas diferentes da política e do xadrez. Escrevia "Os seios de Iara". Eu morava com meus pais, tinha 13, 14 anos. E naquele tempo, se tinha duas empregadas. Só que, nesse pessoal trabalhava, não recebia. Queria trabalhar pela comida para não morrer de fome. A seca impedindo, o pessoal vinha para cá. Então tinha uma, eu morava na Camilo de Holanda. Iara ela a lavadeira da casa de esquina. Iara era uma mu-

lher bonita, loura, os seios fartos. Eu subia no muro para vê-la. "Sai daí tu daí", ela alertava. Daí eu que eu escrevi essa série de crônicas.

■ Você é um homem que, tem boas lembranças do jornalismo?

Eu tenho saudade daquele tempo.

■ Você mesmo que ter deixado o jornalismo continuou escrevendo e ultimamente dedicou inclusive uma grande parte da sua força, pesquisando sobre Darcy Ribeiro?

Exatamente. Foi a coisa maravilhosa. Ele tem mais de 22 livros, mas as verdadeiras obras primas são O Povo Brasileiro e Confissões. Hoje eu amo Brasil por conta de Darcy Ribeiro, e dois grandes brasileiros, que história recente desse país tem que conhecer, a nova geração tem que conhecer: o Marechal Rondon e o educador Anísio Teixeira. Esses dois homens são fundamentais. Se eu fosse ditador deste país eu botava em cada cidade do Brasil que são mais de cinco mil, uma escola do curso primário até a universidade como nome de Anísio Teixeira.

■ Darcy ainda é seu projeto atual?

Abandonei Darcy porque agora eu estou noutra, mas em termo de lição de vida, ele foi realmente um grande parceiro da minha vida. Foi me apresentar ao Marechal Rondon e ao Anísio Teixeira, que são duas figuras marcantes. E ele mesmo diz: "Se não fossem eles dois, eu não seria Darcy Ribeiro, porque Darcy sabia quem eram e sabia o valor que eles tinham. E Darcy sabia que era Darcy e confessava que só foi o que foi por conta do que ele aprendeu com Rondon e o que ele aprendeu com Anísio.

■ Que grande lição ou que grande memória, ou marco importante você ainda carrega com você dos tempos de batente de A União.

O que me mata mais é a saudade. Eu tenho saudade daquele tempo que a gente vivia, uma época da inocência. A gente vivia uma época da inocência, onde tudo era amigo, onde tudo havia ternura. Eu não sei como é hoje uma redação de jornal, mas naquele tempo havia isso, aquela aproximação. Não havia essa distância do presidente para o contínuo. Todo mundo era quase que irmão. Havia uma irmandade, havia um amor, todo mundo era apaixonado. Ninguém está preocupado em ganhar mais ou menos. O pessoal estava preocupado em fazer o jornal bem feito e lutar por ele. É isso que me traz essa saudade daquele tempo, mas que hoje eu não gostaria de voltar, não, porque hoje, nos dias atuais, eu não gostaria de voltar a uma redação de jornal. Respeito quem está lá e está com dignidade, mas eu não volto porque o jornal perdeu muito do seu prestígio e a gente trabalha mais pela profissão do que pela paixão.



DESTAQUE NACIONAL

Paraíba tem maior índice na regularização de dívidas

Número de consumidores que conseguiram pagar os débitos passou de 74%

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

Thadeu Rodrigues
thadeu.rodriguez@gmail.com

A Paraíba é a unidade da Federação que mais regularizou dívidas inadimplentes. O Indicador de Recuperação de Crédito da Serasa Experian aponta que, em novembro de 2022, 74,5% dos consumidores paraibanos inadimplentes conseguiram resolver sua situação. A média nacional é de 63,6%, e a região Nordeste lidera na recuperação, com índice de 67,7%.

Entre os cinco estados com melhor colocação, quatro são do Nordeste: Ceará (73,1%),

“
Não é do
interesse das
instituições
financeiras
ter pessoas
negativadas na
sua carteira de
investimentos

Cássio da Nóbrega

Goiás (70,1%), Sergipe (68%) e Bahia (67,1%). O menor índice de recuperação de crédito é o de Roraima (45,8%). Com relação às regiões brasileiras, após o Nordeste, estão Sudeste (63,2%), Centro-Oeste (62,8%), Sul (62,2%) e Norte (57,0%).

O aposentado Waldemar Macedo teve seu nome incluído no cadastro de inadimplentes porque, após sofrer um acidente, não conseguiu quitar alguns débitos com o Banco do Brasil. Ele procurou a Autarquia de Proteção e Defesa do Consumidor do Estado da Paraíba (Procon-PB) para resolver as pendências, no 48º Mutirão de Renegociação de Dívidas em João Pessoa, que ocorreu nesta semana.

“Estar com nome na Serasa é muito ruim. No meu caso, o tempo passou e eu não consegui pagar minhas contas, o que tem me prejudicado demais. Gostei muito do atendimento no mutirão e acredito que agora vou solucionar meu problema”, elogiou o aposentado.

Ele acredita que essa é a oportunidade de adquirir o poder de compra, algo impossível para quem está inadimplente. “Esse tipo de ação é muito importante para o cidadão porque ajuda as pessoas a resolver dívidas antigas, porque se a pessoa está devendo em qualquer local, não consegue financiar nada, nem fazer cartão de crédito”, comenta.



Waldemar Macedo (esq.) conseguiu negociar suas contas durante mutirão e retomar o poder de compra que ajuda a movimentar toda a economia no estado

Bancos e cartões lideram relação de acordos

Conforme o estudo da Serasa Experian, o setor com o maior índice de regularização é o de bancos e cartões (72,5%). Em seguida, está o de utilidades (71,4%), que inclui serviços básicos como contas de luz, água e gás. Outros setores de negativação apresentaram os seguintes índices de resolução dos débitos: varejo (51,7%), financeiras (39,8%), serviços (38,1%) e securitizadoras (26,4%). O setor com o menor índice é o de telefonia (11,3%).

Para o economista e professor da Universidade Federal da Paraíba, Cássio da Nóbrega, a inadimplência é resultado de diversas variáveis, como o desemprego, redução do poder de compra e a inflação. “Quitar dívidas em um contexto de perda do poder de compra, derivada do aumento de preços na economia, é um desafio. A situação de perda do emprego, o que aumenta a falta de garantias, facilita a negativação dos indivíduos”.

Apesar das altas taxas de juros praticadas por bancos e financeiras, o segmento lidera na recuperação de crédito. Segundo Cássio da Nóbrega,

isto é reflexo da disposição das empresas em negociar com os devedores. “Não é do interesse das instituições financeiras ter pessoas negativadas na sua carteira de investimentos”.

Ele alerta o consumidor que quer renegociar sua dívida a apresentar uma proposta que de fato conseguirá cumprir, sob pena de aumentar o débito ainda mais com a incidência de juros no parcelamento.

O Indicador de Recuperação de Crédito da Serasa Experian considera o número de dívidas incluídas no sistema de inadimplência em cada mês específico. A medida de até 60 dias para quitação dos compromissos financeiros deste indicador foi selecionada por refletir a régua comum utilizada pelas soluções de cobrança, mas o período pode variar de acordo com cada credor.

Mais negociados

Os débitos negativados de até R\$ 500 e os com valor acima de R\$ 10 mil, foram os que alcançaram os maiores níveis de recuperação em novembro, que foram de 67,5%,

segundo a Serasa Experian. De acordo com o Cássio da Nóbrega, os débitos de menor valor estão associados a prazos menores e, consequentemente, taxas de juros menores, considerando o prazo total, sendo mais fáceis de ser renegociadas. Contudo ele alerta: “Um atraso faz com que o valor cresça rapidamente, com um cenário de difícil reversão”.

Quanto aos maiores valores, o economista da Serasa Experian, Luiz Rabi, comenta que

são relativos a financiamentos de veículos e imóveis, os quais podem ser apreendidos e leiloados, respectivamente. “Os bens podem ser perdidos diante da falta de pagamento, por isso há priorização”.

Seguindo a lógica das dívidas com menores valores, no grupo de R\$ 500 a R\$ 1 mil, o índice de recuperação é de 59,9%. No segmento de R\$ 1 mil a R\$ 2 mil, 52,2% dos débitos são quitados, e no de R\$ 2 mil a R\$ 10 mil, 53% são recuperados.

Renegociação

A Serasa disponibiliza condições de renegociação de dívidas com valores a partir de R\$ 100, envolvendo mais de 260 empresas parceiras. Os valores podem ser parcelados em até 72 meses. Veja como limpar o nome em quatro passos:

1. Acesse o site do Serasa Limpa Nome, digite o seu CPF e clique em “consultar”. Utilize a mesma senha criada para consultar seu Serasa Score. Se ainda não tiver cadastro, basta clicar em “cadastre-se grátis” e preencher os dados.
2. Confira as suas dívidas e escolha a melhor opção de negociação para o seu bolso.
3. Siga os passos de negociação.
4. Clique em gerar o boleto e realize o pagamento.

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaobferraz3@gmail.com | Colaborador

Para onde caminhamos?

Segunda-feira o governo Lula completará 100 dias. Bem diferente do primeiro mandato, que iniciou em 2003. Naquela época, após quatro disputas, teve uma vitória expressiva no segundo turno. O sentimento de trazer um operário ao poder era enorme, fato aplaudido pelo mundo inteiro. Empossado, governou o Brasil por dois mandatos, já que fora reeleito também de forma incontestável após vencer seu atual vice.

Tirando as acusações de um possível mensalão, seus oito anos governando o país teve forte atuação na manutenção da estabilidade econômica e na diminuição da pobreza. As primeiras medidas adotadas por Lula foram impactantes, pois ele reuniu os programas sociais em torno de um único programa, o Bolsa Família, implantou o “Minha Casa Minha Vida”, programas que, pela atuação, circulação de dinheiro e geração de empregos, fez com que o Brasil tivesse uma das melhores épocas na evolução PIB. Isso refletiu na eleição da sua sucessora, Dilma Rousseff, apesar de muitos desconfiarem da sua capacidade para o cargo.

O petista governou como quis e tinha um congresso aliado, nas duas casas, permitindo que ele aprovasse as medidas necessárias para o seu jeito de governar. Congresso esse que deixou de lado as acusações que pesavam contra si, pois os resultados da economia naquele momento eram bons. Pessoas perto dele caíram ou foram presas, como foi a cassação do seu fiel escudeiro, José Dirceu.

Lula voltou ao poder pela terceira vez e, para muitos, a esperança do Brasil sair dessa crise que vem afetando a economia mundial. Mas isso está longe de se tornar uma realidade, pelo menos até o momento. As nações, mesmo àquelas consideradas as mais desenvolvidas, estão à beira de uma recessão e com isso as grandes empresas não estão suportando o peso e estão fechando suas portas ou diminuindo os custos com demissões em massa.

Economistas sabem que as crises são cíclicas. A pandemia veio e desordenou a economia mundial, impondo uma nova dinâmica na relação de consumo que estava se estabelecendo. Em 2023, Lula é empossado e, com isso, surge uma desconfiança baseada nos primeiros números da economia, a exemplo do desemprego que voltou a crescer no país no trimestre encerrado.

Erros da sua primeira gestão vêm sendo repetidos (na época, passaram despercebido, pois o cenário de crescimento era evidente) com a nomeação para os cargos estratégicos de pessoas que não estão preparadas para apoiar o chefe da Nação e foram agraciadas por serem parte do seu seleto círculo de amizade, com pouca ou nenhuma competência. Um dos mais criticados nesses primeiros meses de governo vem sendo o ministro Haddad, que tem sobre os seus ombros a pasta mais importante do governo, pois dela partem os esforços para aumentar a produtividade, combater a inflação e lidar com o mercado financeiro, que sabe bem onde alocar seus recursos.

Hoje a popularidade do Governo Lula começa dividida. Nesses 100 dias, sem muitas novidades, estão apostando na proposta do novo arcabouço fiscal. E com ela vem mais uma desconfiança de que poderá gerar um aumento na carga tributária, que sempre cai para o lado mais frágil. Os estados e municípios não sentiram ainda o efeito de uma possível melhora e continuam de pires na mão esperando algumas compensações. Vamos esperar os próximos 100 dias.



Foto: Fabiana Veloso

Escola nasceu como Colégio Estadual de Campina Grande e depois passou a ser Colégio Estadual Elpídio de Almeida



Foto: Fabiana Veloso

A atual Escola Cidadã Integral Técnica Estadual Doutor Elpídio de Almeida tem 40 salas temáticas, uma quadra e um auditório

“Gigantão” histórico

Colégio Estadual da Prata, em Campina Grande, guarda em sua memória lembranças e a glória dos serviços prestados a milhares de estudantes que por lá passaram nos últimos 70 anos

Giovannia Brito
gibritosilva@hotmail.com

O Colégio Estadual da Prata integra a história de Campina Grande. O educandário guarda em sua memória lembranças e a glória dos serviços prestados a milhares de estudantes que por lá passaram nos últimos 70 anos. Aliás, a relevância dos préstimos aos paraibanos transcende o ato de entregar conhecimento. O estadual também é usado para o exercício da cidadania. A cada dois anos, saem de cena professores e alunos e entram as urnas eletrônicas distribuídas nas várias seções eleitorais. Por décadas a unidade foi o maior local de votação da cidade. Já no período do Carnaval se transforma em palco para eventos religiosos.

Este ano, o “Gigantão” está completando 70 anos de história e continua a ser um forte instrumento para a transformação daqueles que o frequentam em busca de educação. Ele abriu as portas à comunidade no dia 31 de janeiro de 1953. Inicialmente, recebeu o nome de Colégio Estadual de Campina Grande, depois Colégio Estadual Elpídio de Almeida, e hoje é oficialmente denominada Escola Cidadã Integral Técnica Estadual Doutor Elpídio de Almeida.

A construção do prédio começou ainda no final da década de 1940, por determinação do governador Osvaldo Trigueiro, e levou cerca de 10 anos para ser concluído e inaugurado, sendo aberto ao público pelas mãos do então governador José Américo de Almeida. O apelido de “Gigantão” ocorreu visto a imponência do seu projeto, que fugiu totalmente aos padrões de construção das escolas da época, com 18 salas de aula, ginásio, auditório, quadra de esportes, um amplo pátio e outras dependências.

“Até o início dos anos de 1950, Campina ainda não possuía nenhum colégio público de ensino secundário. Quem quisesse cursar o segundo grau tinha de se matricular nos educandários particulares da cidade: o

“Até o início dos anos de 1950, Campina ainda não possuía nenhum colégio público de ensino secundário

Ida Steinmüller

Colégio Pio XI, o Alfredo Dantas ou o Colégio das Damas. No estado inteiro só havia nesse tempo um estabelecimento de ensino secundário público, que era o Colégio Estadual da Paraíba, o famoso Liceu Paraibano, em João Pessoa. Mas, no final dos anos de 1940, a população de Campina era maior do que a da capital”, relata a fundadora e presidente de honra do Instituto Histórico de Campina Grande (IHCG), Ida Steinmüller.

Ela lembra que, com a ideia de edificar a unidade na Rainha da Borborema (apelido de Campina Grande), o chefe do Poder Executivo estadual tinha a convicção de que a obra precisaria ser grande, que atendesse aos anseios e reivindicações da população. O projeto do colégio foi do arquiteto Hugo de Azevedo Marques, ocupando um terreno de quase 20 mil metros quadrados, que foi doado no Bairro da Prata pelo proprietário Raimundo Viana.

“Estudar no Estadual da Prata era um privilégio, só se entrava ali com exame de admissão. O número de reprovações era superior às aprovações e, sendo o aluno aprovado, precisava atender a outro requisito. O aluno tinha que apresentar atestado médico comprovando que o jovem não tinha doença infectocontagiosa e atestar vacinação contra varíola e tifo”, lembra.

Nos primeiros anos, o colégio tinha quatro séries para o ginásio, mais três para o científico e outras três séries para o ensino clássico. A unidade che-



Foto: Reprodução/Retalhos Históricos

O Estadual da Prata foi inaugurado em janeiro de 1953; na foto à direita, o governador José Américo de Almeida na inauguração

gou a ter cerca de quatro mil estudantes. Rapazes e moças estudavam em horários diferentes. As mulheres pela manhã e os homens no turno da tarde. Só a partir de 1958 o educandário passou a receber turmas noturnas, destinadas a trabalhadores, aceitando matrículas mistas, excepcionalmente, nesse turno. “Acredito que hoje a maioria da população campinense acima de 50 anos já estudou no Estadual da Prata, inclusive eu fui aluna do ‘Gigantão’”.

Nos primeiros anos de suas atividades, ele chegou a ser tido na cidade como um local voltado para pessoas da classe A, dada a alta qualificação de seu quadro docente e sua colossal estrutura. “Era interesse das classes abastadas matricularem seus filhos no ‘Gigantão’. Portanto, não é que o colégio era voltado para a classe rica, mas que, por sua estrutura e professores de alto nível, o colégio ficou muito superior às escolas particulares que haviam na cidade”, analisa Ida.

Ida Steinmüller é fundadora e presidente de honra do Instituto Histórico de Campina Grande

Foto: Arquivo Pessoal



Estudantes ilustres da política, da literatura e música passaram por lá

Alguns dos milhares de estudantes que por ele passaram viriam mais tarde a ficar conhecidos nacionalmente em profissões e cargos de destaque na política, literatura e música, como Ronaldo Cunha Lima, Luiza Erundina, Elba Ramalho, Capilé, Humberto de Campos, Virgílio Brasileiro, José Nêumanne Pinto, Hermano José, Agnelo Amorim, Elizabeth Marinheiro, Juarez Farias, Humberto de Campos e outros tantos.

Um desses estudantes foi o cantor, músico e compositor Capilé, que enxerga o Estadual da Prata como fundamental para que ele enveredasse pela vida artística e de desportista. “Eu morava no bairro, mas estudava em uma escola pública da Liberdade. Porém estava sempre no ‘Gigantão’ pra jogar bola com os colegas. Nesse bate bola por lá, cheguei a jogar no Campinense e também no Treze”, lembra.

O “Rei da Alegria”, como

Luiza Erundina, Elba Ramalho, Capilé e Elizabeth Marinheiro são ex-estudantes do Colégio da Prata

Capilé é conhecido, somente conseguiu ir estudar no educandário em 1977. “Foi muito difícil conseguir a vaga, porque na época tinha o exame de admissão, que era muito complexo, uma espécie de vestibular. Depois que entrei, durante o ano letivo acabei ficando em recuperação em matemática. Aí, pra conseguir a nota necessária, tive que me desdobrar, e fui estudar com um colega de classe na casa dele e lá, entre uma estudada e outra, eu cantei a música ‘Travessia’, de Milton Nascimento. Ele gostou muito e disse que eu era afinado e tinha jeito pra cantor”, relembra. A partir dali nasceu o Capilé cantor. Esse amigo lhe emprestou o violão para que aprendesse a arte e ele passou a se dedicar. “Cantava para os colegas da escola. Posso dizer que o ‘Gigantão’ me deu régua e compasso”.

Anos depois, o cantor voltou ao Colégio, já com nome conhecido na cidade e região, para cantar no auditório em um show que marcou um evento estudantil que estava sendo realizado.

Boas lembranças da unidade também guarda o ex-vereador Teles Albuquerque. Maratonis-

ta, ele acabou conseguindo vaga no estadual por ser o melhor atleta da época. “Como tinha um bom desempenho nas pistas, fui convidado a estudar lá. Na época, o diretor era Roseni Leopoldino, era um cargo muito importante, se assemelhando a de um reitor de universidade”, destaca.

Teles entrou no ‘Gigantão’ no ano de 1977 para cursar o segundo ano do científico e recorda da disciplina, empenho e dedicação dos docentes do colégio. “Era uma equipe maravilhosa. No período que estive por lá, posso atestar que Campina Grande tinha a melhor equipe de professores. A média era 8,3”.

Outra estudante ilustre do Estadual da Prata foi Elba Ramalho, que sempre faz questão de enaltecer a unidade, lembrando que os ensinamentos conseguidos nos anos em que esteve em suas salas foram fundamentais para o seu aprendizado. A paraibana de Conceição do Piancó entrou no educandário aos 11 anos, quando ingressou no primeiro ano do ginásio (o equivalente hoje ao sexto ano do ensino fundamental) e permaneceu até concluir o ciclo.

No último mês de janeiro, ela divulgou um vídeo em suas redes sociais lembrando da data comemorativa da Escola. “Mandar um abraço especial de parabéns pelos 70 anos de vida do Colégio Estadual da Prata, fundado em 31 de janeiro de 1953. Por essa escola passaram muitas personalidades, é uma escola que me representa muito. Vivi momentos lindos da minha vida”.

Atualmente, a escola oferece educação com ensino integral. “Temos hoje 603 estudantes e 40 professores. Quanto a parte física da escola, temos 40 salas temáticas, uma quadra e um auditório”, informa a diretora Kilma Porto da Silva.

Benjamin Abraão

Jornalista que registrou Lampião e seu bando também atuava em Cajazeiras

Hilton Gouvêa
araujogouvea74@gmail.com

O assassinato do jornalista, escritor, ourives, fotógrafo, cineasta e aventureiro Benjamin Abraão Calil Botto até hoje é cercado de mistério. O homicídio ocorreu após a morte de seu “patrono”, o padre Cícero Romão, quando Benjamin Abraão, de origem libanesa, passou a ser odiado ainda mais por pessoas poderosas da Paraíba, Pernambuco, Ceará e Rio Grande do Norte. Por ter localizado os esconderijos e o bando de Lampião, coiteiros “enrustidos” também podem ter financiado a sua morte.

Segundo conta o escritor Frederico Pernambucano de Mello, em seu livro ‘Entre Anjos e Cangaceiros’, Benjamin, munido de credencial de um jornal francês e de outra do Diário de Pernambuco, apresentou-se na Aba Filme, em Fortaleza, no dia 28 de dezembro de 1936, coincidentemente quando se comentava nas ruas porque Lampião ainda estava solto, mesmo fazendo aparições públicas, como a de Juazeiro, no interior do Ceará, ao lado de autoridades. Tudo registrado por Benjamin.

A “inveja” que Benjamin causou no seio da imprensa brasileira, segundo o escritor, já foi bastante para que “incompetentes e despeitados não se conformassem em levar aquele formidável ‘furo’”. Por isso a suspeita de que sua morte também pode ter sido encomendada por “influente repórter”, com o objetivo de agradar a Getúlio Vargas, o presidente da época, que jurou acabar com o cangaço. E a hipótese mais provável é que o assassinato de Benjamin também teve “um dedo indicador” no meio dos ex-coiteiros do cangaceiro famoso, “respeitáveis” autoridades coronelistas da aristocracia rural nordestina, naquele momento agora afastados de Lampião por causa das ações anticangaço de Getúlio.

O despeito da imprensa brasileira em relação aos feitos jornalísticos de Benjamin explodiu logo na carta enviada ao jornal O Povo, por João Jacques, um “jornalista alfomadinha”, especializado em artigos políticos. Ele contestava a “liberdade” de Lampião. Ao conseguir fotografar, entrevistar e filmar Lampião e seu bando, pousando orgulhosos para as imagens, “Benjamin pisou na mina que todo jornalista brasileiro sonhava explodir” e, assim, levar uma prova convincente para os jornais e cinemas, que, ali, realmente estavam estreando nas manchetes Maria Bonita e Lampião.

Benjamin Abraão associava as atividades de jornalista e de proprietário de dois jornais na região do Cariri cearense às de comerciante e caixeiro viajante na praça comercial de Cajazeiras, no Sertão paraibano, onde mantinha uma mulher e filho. Também era insuspeito tesoureiro da Paróquia de Juazeiro, além de dono de um armazém, em Crato, o qual abastecia com mercadorias adquiridas em Fortaleza e Campina Grande, onde comercializava suas quinquilharias anunciadas como milagrosas. Ele também provocou ciúmes em Bartolomeu Floro, braço direito de Padre Cícero, que alertava o sacerdote sobre o mau procedimento do libanês com o tesouro da paróquia. O velho não dava ouvidos.

Angélica Lúcio

Quem aí já teve momentos de “doomscrolling” levanta a mão

Notícias negativas costumam atrair mais a atenção do público. A negatividade, inclusive, é percebida como um importante valor-notícia para muitos veículos de comunicação, sejam blogs caça-niqueis, sejam portais de referência. O “jornalismo vale de lágrimas”, conforme denominado pelo pesquisador Venício Lima em 2014, é comumente representado por meio da veiculação de fatos sobre mortes, crimes, conflitos, desastres naturais, desemprego, corrupção, escândalos, acidentes, violência, epidemias.

A expressão cunhada por Venício Lima é uma referência direta ao termo em latim “*val-le lacrimarum*”, frase cristã que remete à passagem bíblica “um mundo pleno de misérias e obstáculos”. Quem é católico, certamente deve estar lembrado do início da oração ‘Salve Rainha’, a qual cita: “A Vós bradamos,/ os degredados filhos de Eva,/ A Vós suspiramos, gemendo e chorando/ neste vale de lágrimas.

Entre a data que Lima criou o termo “jornalismo vale de lágrimas” e o anúncio da pandemia de Covid-19, houve um intervalo de seis anos. E foi justamente na pandemia que vivi momentos mais intensos de buscar me atualizar com notícias que mostravam um “mundo pleno de misérias e obstáculos”. Como se tratava de uma pandemia, em qual-



quer veículo que eu buscasse, sempre encontrava notícias negativas. Sites, portais, blogs, rádios, tevês abertas, tevê por assinatura, redes sociais, eu vivia em um loop infinito. Sabia que a ansiedade por me manter atualizada me fazia mal, mas não conseguia me desligar. E continuava ligada, querendo mais e mais.



Benjamin Abraão associava as atividades de jornalista e de proprietário de dois jornais na região do Cariri cearense às de comerciante e caixeiro viajante na praça comercial de Cajazeiras, no Sertão paraibano, onde mantinha uma mulher e filho

angelicallucio@gmail.com

Benjamin Abraão

Repúdio da imprensa cresce depois do “furo” jornalístico

O ódio da imprensa brasileira contra Benjamin cresceu ainda mais quando, em 29 de dezembro de 1936, foi publicada na primeira página do jornal O Povo a matéria intitulada ‘Sensacional vitória da Aba Film: uma das mais importantes reportagens fotográficas dos últimos tempos!’. Uma grade de textos e fotos mostrava, pioneiramente para o mundo, Lampião, sua mulher e seus sequeiros filmados e fotografados em pleno Sertão. A assinatura de Benjamin nessa reportagem foi contestada. Houve quem duvidasse da credencial de jornalista obtida na França, sempre exibida pelo libanês, com certa restrição. Os destaques: num *box* reticulado constava a foto de Benjamin, Lampião e Maria Bonita, com sua “guarda pessoal”, e os cachorros Ligeiro e Guarani. A tiragem do jornal esgotou rapidamente.

Em 16 de janeiro de 1937 foi publicada uma fotografia, no Diário de Pernambuco, onde Benjamin aparecia com todo o bando de lampião. Dias antes, o Diário da Noite, havia publicado uma notícia sobre o encontro de Benjamin com Lampião, em 8

de janeiro de 1938. Benjamin revelou que havia trazido, também, além de imagens, a primeira entrevista escrita e assinada pelo bandido mais procurado do Brasil. Sete meses e 20 dias depois (em 28 de julho de 1938), Lampião, Maria Bonita e mais nove cangaceiros foram mortos em Angicos, no estado de Sergipe.

Os militares, insatisfeitos com a “incompetência das volantes”, se enciumaram de Benjamin. Segundo o comerciante Farid Aon, Benjamin foi ao quartel da 7ª Região Militar, em Recife, para tentar obter uma licença do comandante para exibir o filme sobre Lampião em cinemas públicos. A oficialidade exigiu o exame da fita e, ao assistir à projeção, achou que “o documentário era vergonhoso para o Brasil”. O general ficou irritado e arrebitou o filme e o projetor. Benjamin foi maltratado e detido por uma semana.

As fotografias dos cangaceiros em poses que denotavam orgulho e segurança irritaram o presidente Getúlio Vargas, fato que impulsionou o definitivo esforço de repressão que exterminaria os bandoleiros do Sertão.



O jornalista libanês Benjamin Abraão tinha a proteção do seu “patrono”, o líder religioso Padre Cícero

Além disso, o documentário sobre Lampião foi apreendido. “Não poderá ser exibido o filme de Lampião”. Com essa manchete na primeira página do jornal O Povo, de 3 de abril de 1937, ilustrada com uma fotografia de Benjamin ladeando Lampião e Maria Bonita, era informado que o fil-

zenda Barra Formosa, no Pau Ferro de Águas Belas. Benjamin foi para lá a tempo de se engajar nos preparativos da festa, que aconteceria em novembro. A fazenda era do coronel Audálio Tenório de Albuquerque, amigo de Lampião. O coronel Audálio deixou Ben-

jamin sobre o cangaceiro fora apreendido por ordem de Lourival Fontes, então diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda no governo de Getúlio Vargas.

Benjamin, desempregado e desmoralizado, voltou para seus parentes, os Elihimas, prósperos comerciantes de tecidos e miudezas em Recife, com representação em João Pessoa. Hospedado na capital pernambucana na casa de dona Wadia Elihimas, Benjamin viu nos jornais o anúncio da vaquejada anual de Surubim, interior do estado. Era uma boa oportunidade de trabalho.

Uma das vaquejadas mais tradicionais acontecia na Fazenda Barra Formosa, no Pau Ferro de Águas Belas. Benjamin foi para lá a tempo de se engajar nos preparativos da festa, que aconteceria em novembro. A fazenda era do coronel Audálio Tenório de Albuquerque, amigo de Lampião. O coronel Audálio deixou Ben-

jamin explorar a jogatina do evento e instalar tendas de bebidas e aperitivos.

Chegou de Fortaleza para Benjamin um carregamento da Aba Film, vindo com centenas de fotografias em diferentes tamanhos, havendo predominância do formato de cartão-postal. Eram fotos de cangaceiros dos grupos de Lampião. Benjamin Começaria, então, a distribuir seu produto, barato e muitíssimo vendável pelas feiras livres e no comércio fixo de Pernambuco. Começaria, assim, a tentar recuperar parte do prejuízo causado pela apreensão do filme que repercutiu sobre o patrimônio da Aba Film e da Benjamin & Cia, do Juazeiro.

As fotografias foram espalhadas por todo o Sertão. O major Lucena Maranhão, comandante da unidade seretana da Polícia de Alagoas, homem temido em todo o Nordeste e perseguidor ferrenho de Lampião, mandou recolher as imagens. Benjamin, então, ateou fogo nas fotografias. Benjamin foi a Recife obter do Diário de Pernambuco uma credencial extra, contando que estava em Pau Ferro como colaborador. O jornal atendeu a seu pedido, o que o livrou de incômodos com a polícia.

Depois de escapar de ser preso por ferir a bala o deputado federal Floro Bartolomeu e de organizar um esquema de compra de vendas de votos em cidades da fronteira do Ceará com a Paraíba, Benjamin foi morto “misteriosamente” na madrugada de 7 de maio de 1938, em Pau Ferro (atual Itaíba, Pernambuco).

Tocando em Frente

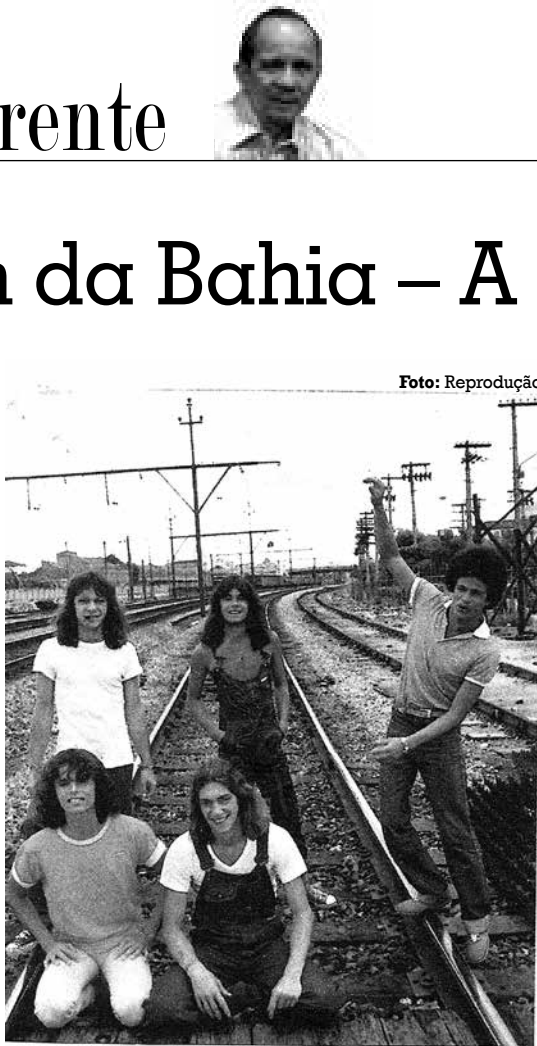
O som que vem da Bahia – A Cor do Som

Não há dúvidas de que o grupo A Cor do Som, apesar de formado no Rio de Janeiro, pode ser incluído no bloco do que convençamos chamar de “som que vem da Bahia”. Este raciocínio advém do fato de que os membros que participaram de sua criação eram remanescentes do grupo de músicos que acompanhavam Moraes Moreira, após a saída deste dos Novos Baianos. Portanto os criadores de A Cor do Som eram uma espécie de subgrupo daqueles, com alguns integrantes chegando a fazer parte da comunidade hippie e da equipe que vivia em Jacarepaguá. Daí, as influências musicais são as mesmas assimiladas dos experimentos do grupo baiano: mistura de rock com samba, frevo, baião, choro e com os sons ditos tropicalistas. O sinestésico nome da banda, criada em 1976/77, é uma referência à transposição semântica – visão/audição – e foi proposto por Caetano Veloso, inspirado em uma criação musical anterior de Luiz Galvão e Moraes Moreira.

Merecem destaque os participantes do primeiro momento do grupo.

Dadi (Eduardo Magalhães de) Carvalho – Rio, 1952), compositor, baixista e vocalista, é originário de uma família de músicos, tendo se iniciado nesse universo já aos treze anos de idade, em festas da zona sul do Rio. Foi baixista dos Novos Baianos, também chegou a integrar o grupo Barão Vermelho (1990/92) e ainda acompanhou Os Tribalistas, Marisa Monte, Rita Lee, Jorge Benjor, Moraes Moreira e Caetano Veloso que o homenageou com a composição ‘O Leãozinho’ (no álbum ‘Bicho’, de 1977).

Mu (Maurício Magalhães de Carvalho – Rio, 1957), irmão de Dadi, integrou a Banda do Zé Pretinho, ocupando, nos Novos Baia-



A COR DO SOM

nos, os teclados e atuando como vocalista. Armandinho (Armando da Costa Macedo – Salvador-BA, 1953), guitarrista e violonista, é celebrado por haver criado, em 1962, um ‘Trio Elétrico Mirim’ e, em 1967, o grupo de rock Hell’s Angels; já em 1974, passou a integrar definitivamente o Trio Elétrico Armandinho, Dodô e Osmar. Teve sua carreira alavancada em 1968, quando se apresentou com sucesso no televiso ‘A Grande Chance’, de Flávio Cavalcanti. Em 1974, em definitivo, se tornou estrela no Trio Elétrico de Armandinho, Dodô e Osmar. Em A Cor do Som, ele atuou até 1982, quando foi substituído pelo guitarrista Victor Biglione, em posição que também foi ocupada, posteriormente, por Perinho Santana. Em 1986, Armandinho ainda voltou a integrar o grupo em uma sua forma-

ção original. Internacionalizou-se quando se apresentou em Roma (1984), na França (1985/86) e no México (1986); esteve acompanhando Moraes Moreira, quando de apresentações nos Estados Unidos (1988), e ainda se apresentou, em 1996, no Festival de Música de Jerusalém (Israel) e no Montreux International Jazz Festival (Suíça).

Gustavo (Augusto) Schroeter – (Rio, 1951), baterista dos Novos Baianos, também fez parte do grupo A Bolha, adepto do rock progressivo, conjunto formado por ele. Também participou do Montreux Internacional Jazz Festival (Suíça), em 1978, quando A Cor do Som foi o primeiro grupo brasileiro a se apresentar no evento.

Em um segundo momento, vários musicistas também participaram do grupo:

Ary (Santos) Dias – (Salvador-BA, 1952), baterista e percussionista;

Victor Biglione – portenho, de Buenos Ayres/Argentina, 1958), guitarrista, violonista, produtor musical, compositor e arranjador, que substituiu Armandinho no A Cor do Som, radicando-se no Brasil em 1980, quando se naturalizou. Em 1999, participou da gravação do álbum ‘Strings of Desire’, de Andy Summer, guitarrista do The Police. Em 2016, foi indicado ao Grammy Latino de melhor instrumentista, com o álbum ‘Mercosul’;

Perinho (Péricles Bastos de) Santana – (Salvador-BA, 1949 – Rio, 2012), guitarrista que se iniciou com Raul Seixas, acompanhou Caetano, Gil, Tim Maia e Marisa Monte. Deixou a banda em 1987;

Jorginho (Jorge Eduardo de Oliveira) Gomes – (Salvador-BA, 1954), irmão de Pepeu Gomes, baterista, percussionista e multi-instrumentista, por algum tempo atuou nos Novos Baianos e chegou a acompanhar Gil,

Caetano e Ana Carolina, Marisa Monte e Moraes Moreira.

Didi (Claudionor) Gomes (Salvador-BA, 1956 (?) é outro irmão de Pepeu Gomes. Baixista, iniciou-se na música aos treze anos, tocando bateria em eventos escolares, com instrumento que lhe foi presenteado pelo irmão Jorginho. Foi o baixista do grupo.

Em 1981, A Cor do Som chegou a se apresentar no Battery Park de Nova Iorque e, em 1986, com o álbum ‘A Cor do Som – ao Vivo’ recebeu o Prêmio Sharp como “melhor grupo instrumental”.

O conjunto foi desfeito, pela primeira vez, em 1987, porém voltou a unir-se e a trabalhar de 1994 a 1997 e houve ainda um terceiro reencontro, a partir de 2005. Em 2012, lançou dois álbuns: ‘A Cor do Som ao Vivo – Montreux International Jazz Festival’ e ‘Frutificar’; em 2017, celebrando os seus 40 anos de estrada, lançou o ‘A Cor do Som 40 Anos’, em álbum que contou com a participação de Gilberto Gil, Lulu Santos, Djavan, Moska, Roupas Nova, 14 Bis, Skank e Natiruts; em 2021, apenas em plataformas digitais, o grupo lançou o ‘Álbun Rosa’, disco apenas instrumental.

O início e o fim: no início, Dadi afirmou que “o ideal, para nós, seria gravar as duas coisas: canções que impulsionam as vendas e música instrumental que sempre fizemos”; já, no final do grupo, Gustavo afirmou: “Com o boom do rock nacional, acabamos ficando para trás. Nossa música tinha outro enfoque”.

Como grupo, em sua fase inicial, A Cor do Som nos legou dez álbuns (CDs), de 1977 a 1985, um a cada ano (dois em 1979). Participantes, como Dadi, Mu e Gustavo sempre atuaram, como músicos de estúdio, em álbuns (CDs) de vários intérpretes e de gravadoras diversas.

Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

ALTERNATIVA ARRISCADA

Médicos usavam leite para as transfusões

Na época, substância “era mais benéfica” do que a utilização do sangue

Da Redação

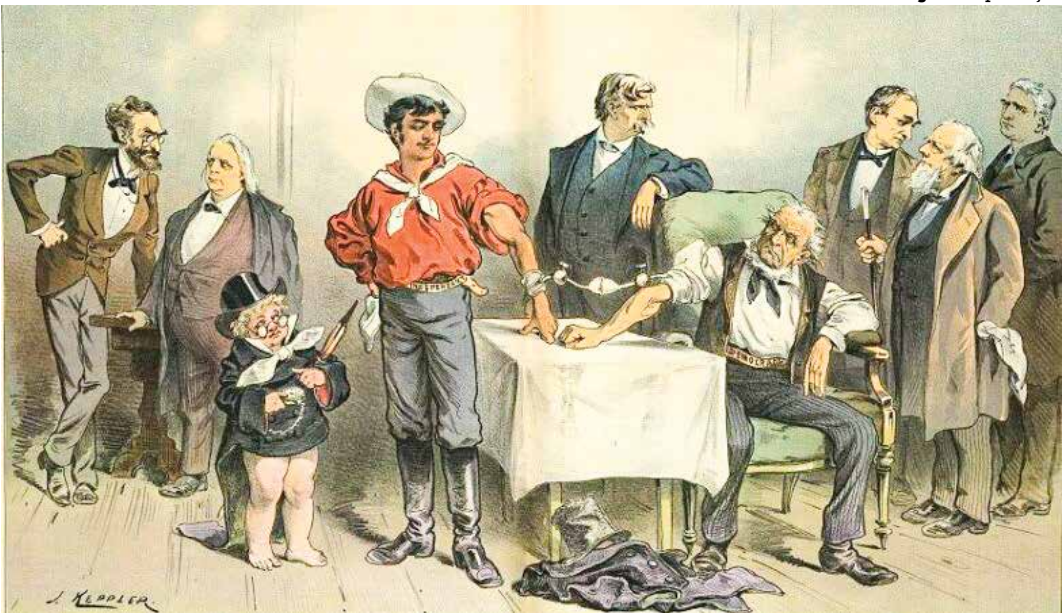
Se alguém fosse perguntado sobre em que os médicos usavam o leite em meados do século 19, talvez nunca acertaria a resposta. Ninguém iria dizer que a substância era usada para transfusões. É exatamente o que alguns profissionais da saúde faziam naquela época, embora essa prática não tenha sido realizada por muito tempo. Até teve uma certa popularidade, após funcionar em alguns pacientes.

E não foi por falta de tentativas de transfusões sanguíneas, que já eram testadas há tempos, mas porque demoraram muito em se tornarem como prática medicinal. O problema é que, por não se saber dos tipos sanguíneos, coagulações e mortes eram comuns, tornando o tratamento muito mais perigoso do que benéfico.

O médico-cirurgião Richard Lower realizou, na Royal Society de Londres, em 1666, a transfusão de sangue entre dois cães, utilizando uma pena de ganso para conectar a artéria de um animal à veia jugular do outro. Já em 1667, o médico francês Jean-Baptiste Denys realizou a primeira transfusão documentada de sangue entre um animal e um ser humano.

O paciente era um adolescente que perdeu muito sangue por meio de sangrias para tratar uma febre. Como seria de se imaginar, o jovem ficou fraco e Denys prontamente transferiu o sangue da carótida de um cordeiro para as veias do rapaz, que melhorou e sobreviveu, ao contrário do animal.

Naquele tempo, segundo



‘A transfusão de sangue – que a operação seja um sucesso!’, ilustração de Joseph Keppler

registra o site Zap, acreditava-se que a transfusão de sangue não apenas melhorava a saúde do indivíduo e curava doenças, mas também mudava a sua personalidade e tratava a loucura. Como na maioria das vezes o paciente ainda acabava morrendo, o Edito de Châtelet, de 1668, banuiu a prática, que ficou na obscuridade por 150 anos.

A prática voltou ao rol de atividades médicas no início do século 19, quando o obstetra James Blundell realizou uma transfusão com uma seringa contendo sangue desfibrinado – ou seja, sem fibrina, que ajuda na coagulação – para evitar que o líquido coagulasse na paciente. Embora tenha obtido melhores resultados do que tentativas anteriores, muitos pacientes ainda morriam e o procedimento não se manteve.

Em meados do século 19, surgiu uma mirabolante ideia: porque não fazer transfusões de leite?

Em 1854, a resposta chegou com os médicos James Bovell e Edwin Hodder, que injetaram o líquido em pacientes de cólera durante uma epidemia em Toronto, no Canadá.

A ideia foi inspirada em Denys, que tinha feito transfusões de leite para o corpo de animais, acreditando que “pequenos óleos e partículas de gordura” iam se transformar em “corpúsculos brancos”. Os médicos ainda acreditavam que o leite ajudaria a regenerar os glóbulos bran-

cos. O primeiro paciente a receber a substância sobreviveu e o seu estado de saúde melhorou.

Os cinco seguintes, no entanto, morreram. Mesmo assim, o tratamento popularizou-se, sendo visto como uma alternativa segura e legítima à transfusão sanguínea. Alguns cirurgiões, no entanto, seguiram céticos e, ao longo do tempo, a prática foi caindo em desuso e descrédito.



Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: embriagado (3) = bêbado + dança (2) = samba = música de Paulinho da Viola – **Solução:** Bebedosamba. **Charada de hoje:** ela deseja (1) fazer a colheita (2) antes da festa beneficente (3).

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

Tiras

O Conde



Zé Meiota



Eita!!!



Foto: Wikimedia Commons

Programa espacial brasileiro

Pouco se sabe sobre o programa espacial brasileiro porque ele é incipiente, principalmente nos últimos governos. Porém, um acordo firmado pelo governo do Brasil com o dos Estados Unidos em 2019, essa situação estaria em processo de mudança. E a grande responsável é a Base de Alcântara, o espaço porto brasileiro localizado na cidade de mesmo nome, no estado do Maranhão, e que completou 40 anos no último dia 1º de março.

Estrategicamente localizada

Administrado pela Agência Espacial Brasileira (AEB) e operado pela Força Aérea Brasileira (FAB), o Centro de Lançamento de Alcântara (CLA) tem uma base brasileira para despacho de foguetes, integrante de um complexo de cerca de 20 mil hectares. A base está estrategicamente localizada a dois graus da Linha do Equador, região em que a velocidade de rotação da Terra é maior do que em latitudes elevadas. A cidade de Alcântara é conhecida pela regularidade meteorológica, o que auxilia na redução de atrasos, que geram mais custos para o lançamento.

Inauguração e demora para operar

A posição da base permitiria que o foguete gastasse até 30% menos combustível, resultando em uma imensa economia. A Starship, da SpaceX do magnata Elon Musk, foi desenvolvida para gastar em torno de US\$ 900 mil em combustível, de um total de até US\$ 2 milhões. Anunciada em 1982, a Base de Alcântara ficou pronta no dia 1º de março de 1983, data inclusive que é considerada a oficial da inauguração do Centro de Lançamento. O local era considerado o futuro do projeto espacial brasileiro, mas foram longos seis anos até que a infraestrutura da área estivesse apta a operar.

Lançamento oficial e possíveis lucros

Em novembro de 1989, o CLA foi finalmente entregue. Oficialmente, o primeiro lançamento da Base de Alcântara ocorreu no dia 21 de fevereiro do ano seguinte. O foguete de sondagem Sonda 2 XV-53 foi lançado, atingindo uma altitude de 101 quilômetros. Até hoje, o número de voos falhados é muito baixo, totalizando apenas cinco. Desde o acordo com os norte-americanos, o governo pretende atrair outros interessados em explorar o CLA. As estimativas da Força Aérea Brasileira é de que seja possível arrecadar aproximadamente R\$ 140 milhões ao ano, valor que supera em cinco vezes o orçamento do programa espacial nacional.

9 erros

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Solução

1 – óculos; 2 – luva; 3 – chifres; 4 – corda; 5 – janela; 6 – batida; 7 – cruz; 8 – chifre; 9 – remendo na batida.